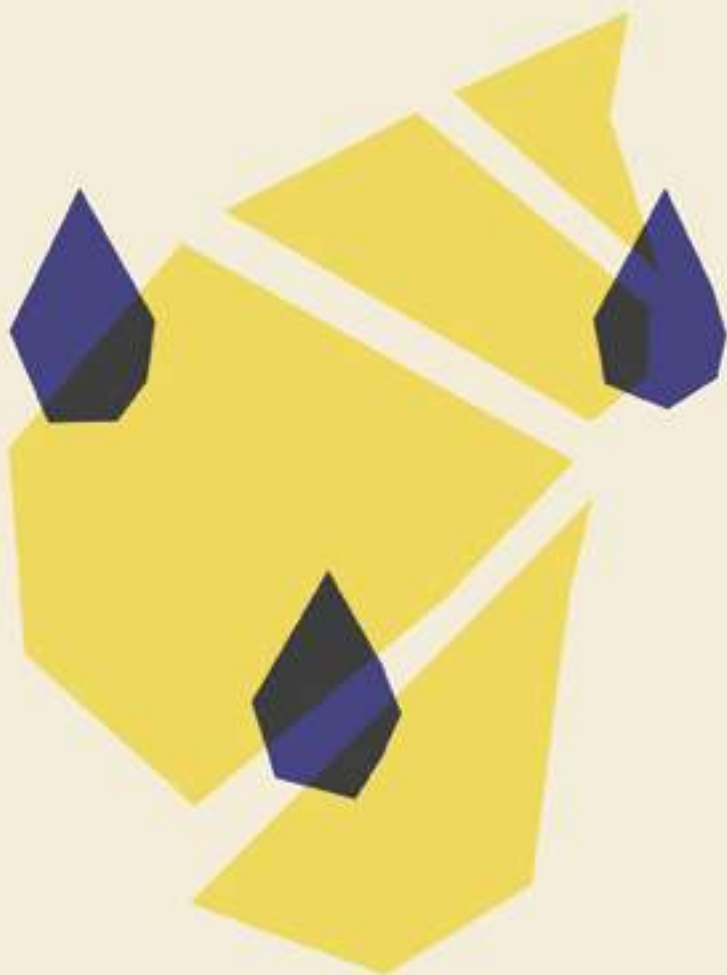


Cântico sobre uma gota de água

Eduardo Bettencourt Pinto



Cântico sobre uma gota de água

Cântico sobre uma gota de água

Eduardo Bettencourt Pinto

Prefácio de Onésimo Teotónio Almeida

Imprensa Nacional é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa
www.incm.pt
www.impresnacional.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

© Eduardo Bettencourt Pinto e Imprensa Nacional-Casa da Moeda

TÍTULO: Cântico sobre uma gota de água
AUTOR: Eduardo Bettencourt Pinto
EDIÇÃO: Jorge Reis-Sá
CONCEÇÃO GRÁFICA: Undo
CAPA: Estúdio João Campos
REVISÃO DO TEXTO: João Miguel Alves
PAPÉIS: Materica Limestone, 250 g (capa); Arena Smooth Natural 90 g (miolo)
TIPOS DE LETRA: Elena (@Nicole Dotin) e Cako (@Jérémy Schneider)

1.ª edição: outubro de 2021

ISBN: 978-972-27-2995-6

ÍNDICE

A palavra e a distância em E. (de Exílio) Bettencourt Pinto por Onésimo Teotónio Almeida	17
---	----

OS DEDOS NA IMAGEM

Música	49
A guitarrista	50
Cântico sobre uma gota de água.	51
Ciclo noturno.	52
Quadros	53
As palmeiras de Eugénio	55
Allegro maestoso	57
Mitologia do sul.	58
Vinho.	59
Ritos	60
A palavra.	61
Olhar entre ruínas	62
A vizinha	64
O país invisível.	66
O relógio.	67
O silêncio	69
Os últimos dias	70
Arte noturna	72
A minha sombra	74

O VELHO POETA

O poeta e a cidade	79
Na esplanada	80

Café	81
O velho poeta	82
Ofício de procura	84
O poema	86

SUL

Salinas no retrato	89
Nostalgia	90
Labirinto.	91
Poema à mãe/1	92
Poema à mãe/2	93
Salinas	94
A casa	95
Balada com pedras	96
Breve memória do meu pai	97
As mãos do meu pai.	98

SETEMBRO

Monólogo com as sombras	103
Setembro/1	104
Corpo de setembro	105

ILHA

Ilha	109
A viúva da água	110
Evocação da ilha	111
Calheta de Nesquim	112
José Nuno	113

O AMANTE NO LENÇOL

Madrigal.	117
Intimidade	118
Dança.	119
A cama	120
A lua.	121

As mãos	122
O retrato mais antigo	123
Prelúdio	124

CARAÍBAS

O regresso dos músicos	127
História dum guerrilheiro	128
Menina da água	131

**MENINA DA ÁGUA CANTATA EM B MENOR – NORDESTE,
S. MIGUEL, AÇORES**

1/.	135
2/.	136
3/.	137
4/.	138
5/.	139
6/.	140
7/.	141
8/.	142
9/.	143
10/.	144
11/.	145
12/.	146
13/.	147
14/.	148
15/.	149
16/.	150
17/.	151
18/.	152
19/.	153
20/.	154
21/.	155
22/.	156
23/.	157
24/.	158

25/	159
26/	160
27/	161
28/	162
29/	163
30/	164
31/	165
32/	166
33/	167
34/	168
35/	169
36/	170
37/	171
38/	172
39/	173
40/	174
41/	175
42/	176
43/	177
44/	178
45/	179
46/	180
47/	181
48/	182
49/	183
50/	184

A COR DO SUL NOS TEUS OLHOS

Estações brancas.	191
Fim de festa.	192
Tão longe o sul	193
África.	194
Retrato antigo	195
Momento	196
Enunciação	197

Anoitecer em Alebag	198
As lágrimas da água	199
Ilha	200
Sentado na sombra do silêncio.	201
A velha cidade	202
O caminho de regresso.	203
As palavras	204
Meditação de sábado	205
Percurso	206
Café.	207
As palavras cantam no mar.	208
As palavras das árvores	210
Sinopse.	211
Introspeção	212
Um caminho para o sul	213
Matinal	214
Vigília	215
Braços	216
Agosto	217
Peregrinatio	218
Não sei dizer que te amo quando estou triste	219
O silêncio	220
O nome.	221
Na floresta, quem diria!	222
Amanhecer	223
Manhã na ilha	224
Fragor	225
Homem a fugir do poema.	226
Rente ao crepúsculo	227
Noite	228
Trabalho no jardim	229
Tão pouco	230
Memória.	231
Quadro.	232
Errâncias	233

Momento	234
Pequeno romance de abril	235
A fala do romântico	236
Uma palavra sobre a tarde	237
Rente à pele	238
Poema do litoral	239
Monólogo com o desejo	240
Conhece nas minhas mãos	241
Musical	242
O rumor das tuas margens	243
Amor	244
Tato	245
Madrigal rente à primavera	246
Fim do dia	247
Rosas	248
Proximidade	249
A mesa	250
Melancolia	251
Breve momento com o verão por cima	252
Verão	253
Voo	254
Neblina.	255
Do amor	256
Utopia	257
Após.	258
Sonata a caminho do verão	259
Nos campos onde moram os ventos dos teus olhos.	260
Depois de ti	261
Sinais.	262
Junto ao mar que anoitece.	263
Verão	264
As cores dos teus olhos.	265
Viagem interior	266
Vertigem.	267
De setembro	268

Canção	269
Retrato sobre a cómoda	270
Sentimento de chuva	271
Domingo	272
Momento	273
Sentir	274
Harmonia	275
Escureço	276
Madrigal	277
Casi cielo	278
Música	279
Oh, quante lagrime per te versai	280

TANGO NOS PÁTIOS DO SUL

A tarde	285
Antes do tempo	286
Caminhas nos cânticos do sul	287
Tango	288
Alba	289
As mulheres	290
Voz	291
Nos dias	292
O escritor	293
Regressas às Salinas olhando a memória no retrato	294
Só o desamor é fútil	295
Teresa	296
Tribo	298

VIAJAR COM SOMBRAS

A velha máquina de escrever	301
Mãe das ilhas	303
Alma	304
Amina Lawal	305
Campo de S. Francisco	307
Cantata sobre um rosto	308

Cântico	309
Idade	310
Imagem na espuma.	311
Manhã de chuva.	312
A lavadeira	313
O mar que atravessavas em setembro	314
O princípio do mundo	315
Ofício.	316
Poema no guardanapo.	317
Angola	318
Primeiro, último encontro	319
Quadros mediterrânicos	321
Solstício	322
Um país? Que importa?	323
Uma mulher	325
Verão	326

UM DIA QUALQUER EM JUNHO

A mãe	329
A senhora do inverno.	330
A sombra das palavras	331
Cantata.	332
Inícios	333
Legado	334
Monólogo do romântico triste.	335
Pai nos últimos tempos.	336
S. Jorge	337
Um momento tão perto	338
Utopia	339
Yelapa, México.	340

ÁGUAS DE SOLEDADE FUNCHAL, MADEIRA

Varanda noturna	343
Uma ilha dentro das mãos	344
Essence.	345

Rua	346
Rua da memória	347
Na dobra do lençol.	348
Águas de soledade.	349
Instantâneo.	350
Ofício urbano.	351
Discurso sobre um guardanapo.	352
Adeus.	353

A PALAVRA E A DISTÂNCIA EM
E. (DE EXÍLIO) BETTENCOURT PINTO
por Onésimo Teotónio Almeida

A literatura portuguesa é geograficamente bastante mais vasta do que nos mostram os cânones. Estes ignoram sistematicamente o que ultrapassa o retângulo da ponta final da Europa, esquecendo que esta, e Portugal em particular, se estendem Atlântico fora, pela Madeira e Açores, para não falar da diáspora. Indesculpáveis omissões têm ocorrido devido a uma ignorância que parece incurável. Na verdade, a literatura portuguesa ultrapassa largamente o espaço geográfico consignado na Constituição. E está bem viva por esse mundo fora alimentada por uma rede de cultores que se lhe sentem ligados, muito embora as histórias literárias desconheçam a sua existência.

O autor do presente volume é um desses escritores quase ignorados. Nascido em Gabela, Angola, em 1954, foi forçado a abandonar a sua terra natal no fulgor da juventude, num contexto por demais conhecido quando a liberdade do novo país enxotou os filhos de cepas adventícias. Refugiou-se então uma temporada nos Açores, terra de seus antepassados¹, todavia a pouco mais de meia-dúzia de anos lá vividos

1. O seu avô, José Rebelo de Bettencourt (1894-1969), é uma conhecida figura das letras açorianas. Foi poeta, ensaísta e jornalista.

marcou-o tanto como as suas prévias duas décadas angolanas. Quando, em 1983, dos Açores partiu de abalada para Vancouver, no Canadá à beira do Pacífico, transportou na bagagem de emigrante um peso pesado de experiências que iria carregar para sempre. Se o coração da África ficou também em parte seu, as ilhas dos avós encheram-no de mar. Uma mulher da ilha levou-o àqueles longes do Canadá onde afoga saudades no feitiço de África e do fascínio do Atlântico. Nem o viver numa outra ilha, a de British Columbia – Pitt Meadows² – lhe lenitiva a ausência dos Açores. Sente a distância, o exílio, todos esses ingredientes com que os portugueses cozinham o mistério da saudade e, querendo matá-la, viaja na escrita para a gaveta ou para os e-mails. Mesmo assim, tem publicado bem mais do que a distração da crítica consegue captar. Poemas não faltam: *Mão Tardia*, *A Deusa da Chuva*, *Emersos Vestígios*, *A Menina da Água*, *Tango nos Pátios do Sul*, *Traveling with Shadows / Viajar com Sombras* e *A Cor do Sul nos Teus Olhos*. E prosa: *As Brancas Passagens do Silêncio*, *O Príncipe dos Regressos*, *Sombra duma Rosa* e *A Casa das Rugas*. Este último tem África como cenário de fundo.

Eduardo Bettencourt Pinto confessa ter o vício das palavras. Mas que belo vício! Sem ele saber, fui-lhe roubando da nossa correspondência eletrónica nacos que arquivei com esmero, porque só ele sabe tocar na guitarra da distância o tom dolente do exílio. O poeta elevou o e-mail à categoria

2. Eduardo Bettencourt Pinto sempre se referiu a Pitt Meadows como uma ilha, até que um dia explicou: «Pitt Meadows é uma ‘ilha’ só em termos metafóricos. É uma pequena cidade apertada entre duas (Port Coquitlam e Maple Ridge), e com uma identidade cultural que a demarca das outras que a cercam. Sinto Pitt Meadows como uma ‘ilha poética’. Está enclachada entre dois rios – a sul, o Frazer e, a norte, o Pitt River.»

de género literário. Insisto há anos com ele para se abalar à escrita de um diário, já que para isso bastaria apenas coligir os seus e-mails. Os a mim endereçados dariam um belo livro. Vou mesmo recorrer a eles para compor uma autoapresentação do autor dos poemas do presente volume, uma antologia da sua poesia por ele próprio selecionada. Contextualizam magnificamente a personalidade do poeta e ajudam-nos a enquadrar, para melhor entendê-la, a voz que cedo ressalta ao ouvido do leitor disposto a embrenhar-se no universo poético das páginas que se seguem.

As citações não seguem nenhuma ordem lógica, apenas cronológica. São peças soltas que, no seu conjunto, esboçam um autorretrato do poeta:

Antes que me esqueça, tenho a alegria de te dizer que já sou pai. Nasceu-nos um rapazinho no dia 26 do mês passado. Chama-se Mauro. Enquanto escrevo ele dorme mais a Rosa, lado a lado. Foi uma luz que nos entrou pela casa dentro, cheia de música e insónia. Do seu nascimento guardo a memória de horas incendiadas e intermináveis, o palpar indelével dum sentimento inebriado de sofrimento. A mulher, com a sua graciosidade, magia e misticismo, traz na sua vida a exuberância, a sensibilidade, uma insuspeitada coragem e determinação para enfrentar aqueles densos momentos de vulcânicas dores. A mim só me resta os olhos húmidos, a garganta sem voz frente à grandeza dum acontecimento que num repente transforma o mundo, o instante da eternidade. Aquelas dores ficaram para sempre enraizadas no respeito e delicadeza dum ser que é fabuloso e admirável, que se chama mulher. A vida é a mais lógica e misteriosa equação da alma.

* * *

Disseram-me um dia, não me lembro quem foi, ah, a Rosa: «Este céu não tem estrelas.» Nunca tinha reparado. «Em Portugal há tantas estrelas que parecem até cair nos nossos olhos!»

Eu sei, a distância faz apertar o coração, atenua discrepâncias, revolve-lhes o peso e a substância, faz de nós inveterados eremitas da sensibilidade. Pensei que a Rosa, ao falar das estrelas de Portugal, falasse da saudade, essa folha de laranjeira caída nos charcos da memória. Mas não. Aludia ela a uma dimensão ulterior, invisível, quase intangível, que é a transposição da nossa interioridade a um plano real, puro e legítimo, banal e ao mesmo tempo etéreo, como as ervas: a pureza do olhar. Olhar apenas, ver este céu triste comer-nos os olhos, e assim perdidos, no instante da nossa pequenez humana, dialogarmos com as partículas de um todo quase incompreensível, mas total, esvoaçante, perene. Nesse momento revelador senti a ternura que se tem por quem sente e repara, e de súbito se apercebe que a existência é curta. Estamos aqui apenas num sopro, para entregar as mãos à totalidade. Absortos nessa grande solidão, aprendemos a coexistir com o Universo. Na Rosa tem o sabor a quietude e ao infatigável rumor do mar. Como a carta de um amigo que nos retempera como uma sombra, aqui fica o registo. Pouco mais posso dizer que obrigado – pelo tempo e atenção. E enviar, simbolicamente, entre as palavras mais frescas, as intermináveis estrelas de Portugal.

* * *

Ontem, para desanuviar, fomos a um concerto do Keny G. Excelente músico. Muito bem acompanhado, foi um serão de se tirar o chapéu. O Keny tem um jazz muito bem temperado, melodioso, e deixa transparecer uma grande paixão pela música. Sempre literatura também aborrece.

Estou à espera que as folhas comecem a cair. Então saio de casa, entro pela humidade dos dias, e regresso a casa com pedaços de cores das florestas, sons ainda de ramos, e sento-me, frente ao lume, a esquecer-me de mim.

* * *

Ontem caiu um dente ao Mauro. Deixámo-lo sob a cabeceira. Mal acordou foi ver: tinha lá um dólar. Levou-o para a escola, radiante. Quando chegou veio dizer-me, tão satisfeito como se tivesse vindo do mar. É isto, a infância. Os mitos cheios de bonomia, a complacência e a ternura são dos seus corações frescos, sem mácula. Como a música, a verdadeira música das essências.

Escrevo com persistência, como se construísse uma casa. Tijolo a tijolo. Ainda não alcancei as janelas, o que mais gosto. Ou a varanda, onde o sol e as flores crescem entre os passos das mulheres, adoráveis deusas. Mas escrever afinal é isto, um incêndio, instante a instante, que deslumbra e atormenta e nos queima os pulsos. Uma respiração. Para dizer a verdade, é companhia. O meu cão de pelo castanho, igual ao do Hemingway, a ressonar levemente perto dos meus pés. Crescemos juntos no grande vale do Tempo. Às vezes perdemo-nos um do outro: fico

numa esquina a olhar as multidões sem rumores, como acima digo. Mas volto sempre aqui, aos eucaliptos, às cercas brancas da serenidade. E cheiro as ervas, até cair de bruços na exaustão do silêncio. E da terra.

* * *

Da janela quase vejo setembro. A luz que toca os pinheiros é mansa, antiga. Parece marinha: desprende uma claridade aveludada. Desce vagarosa, corre pelas macieiras como um chuvisco, dá um pouco mais de cor aos frutos. Vou para a varanda com um jornal. Vejo os pássaros em bandos numerosos. São pontos negros em passagem pelos olhos do Mauro, que dá um grito alegre e diz: «Olha papá, os pássaros!» Explico-lhe que eles vão para terras quentes, não gostam do frio, e regressam para o ano. «É porque não têm casacos?», interrompe-me. Fica a olhá-los, extasiado. Faz outras perguntas, tantas que me secam a boca. Curiosidade infinita. Raiz em crescimento. Mas que pelo menos se expanda por terra firme e se mantenha sequiosa de coisas novas.

* * *

Sinto já o fervor da partida, uma ansiedade de relógio parado, as palpitações sonoras no peito, ouvindo já nos sentidos o mar açoriano. Pena que seja só uma semana – uma ilha, como uma mulher, ama-se muito devagar. Para aproximar de nós o paraíso.

* * *

A visita aos meus amados Açores foi-me de uma bonança sentimental interminável. Muito amo, adoro e volto a amar aquela humidade verde das casas com o mar ao fundo. As silhuetas que as habitam, as suas mãos de terra, abertas, e de cuja bondade recebo as sementes das raízes. Revigorei o espírito e tudo me sai em catadupa. Este amor e esta ternura por tudo, que me faz viver dentro das palpitações humanas, nas hastes gélidas do inverno e na neve do silêncio matinal. Tudo isto é uma alegria calada – como observar um universo escondido. Muitas vezes cabe redondinho nos olhos de um instante sereno. E assim escrevo. Escrevo. Labuto a pedra com o cinzel mais puro, o das essências da memória. E resgato das sombras as cores dum novo auge criativo. Como se, atordoado, ras-tejasse no interior dum êxtase. Incendiando a serenidade. Com medo de ser nada.

* * *

Tem feito por cá dias africanos: sol forte, cândido, forrado com uma brisa fresca e alta. A casa até parece diferente com tanta, tanta luz. Se tivesse aqui o mar estaria numa estação muito branca, imensa de ternuras e comprazimentos. Esta é a altura de se fazer as malas e partir para o mar. Pelo menos teoricamente. A realidade é outra, infelizmente. Gostava de estar no Pico neste momento, aí pelas seis da tarde, o peixe a assar na brasa, um copo de vinho tinto, a voz e o júbilo dos amigos e da família. Depois um passeio a pé, corresponder à saudação entusiástica e cortês de um desconhecido, a cor do silêncio rente ao azul do horizonte, um grito de gaivota ao longe. Por fim as sombras da noite, aos poucos caindo sobre os nossos passos.

* * *

Nesta terra tropeçamos já com os trabalhos do outono, quase serenos, não fossem tão melancólicos: a humidade das folhas, mortas sob os passos, duas lágrimas escondidas no silêncio dos olhos quando anoitece. Durante estes meses todos seremos apenas passageiros da chuva, árvores nuas, céu despido de aves, gente que passa morta dentro dos casacos. Já não procuro um país no eco da madrugada, mas uma luz verde, três ou quatro acordes de harpa, uma ilha a que possa regressar para repartir o pão dos naufragos. Escrever, mais que nunca, significa chegar ao outro lado da ausência, descalço sobre as águas, olhando as sebes e as neblinas, o coração tão cheio de rebeldia. Se é de noite, encosto-me aos muros da música e então oiço Wagner e Schumann sob a frondosa sombra da memória.

* * *

Os meus amigos são as minhas raízes. Por eles oiço o Tempo minuar no relógio, e vejo através dos espelhos como todos, nas suas vidas distantes e no entanto tão perto, são os músicos de muita da minha alegria e fé nas coisas da literatura. Inequivoca fortuna.

* * *

Setembro chegou aqui molhado e triste, o casaco roto, os sapatos a rastejar de olvido e renúncia. [...] Voltarás às fotografias que me mostraste, o lindo outono de New England. Nessa alegria triste, creio que os impressionistas – sobretudo Matisse – criaram uma casa de

nostalgias, dois poemas, e alguém tocava piano ao fundo da sala. Na transição das estações, cubro-me sempre desses naufrágios.

* * *

Chove no fim do vento, num tumulto já de inverno. Na claraboia açoriana ouvia este som antigo, sobre a cabeça, enquanto escrevia numa secretária cuja presença naquela casa tinha o cheiro de muitas gerações. Escrevia e rasgava. No cesto, deixava ainda a resfolegar o resto do que sentia, naufrágios vocabulares, perdidas ressonâncias de quem muito tem para aprender neste laborioso afã das palavras. Naquela falsa, amando-a sentia os braços de minha mãe em redor do meu corpo, memória de muitos anos antes, ardido em febre. Ela vinha com mais um cobertor, chã, a voz do ómega e alfa que me era tão essencial. Quando os meus irmãos chegavam, vindos de casa de meus tios na rua de Lisboa, traziam ramos do quintal, folhas, a frescura da água do poço e uma palavra amiga de tia Veneranda presa nas mãos. Anos depois, escrevendo, enquanto pingos de chuva caíam numa pequena malga de plástico sobre a secretária, sentia como o Tempo nunca nos deixa indiferentes a memória. Hoje, recordando, senti que devia partilhar com um amigo esta saudade.

* * *

Este vento, que vem de um céu já escuro, maltrata-me as árvores, suja-me o quintal, não nos deixa dormir. Na ilha, levava-me aos cafés. Regressava com o jornal ao abrigo da casa, e acrescentava dois cobertores à minha cama.

Lendo, o ruído da casa em baixo, o cheiro das páginas frescas, às vezes parecia-me o melhor lugar do mundo. Não sentia este lago triste que é a ausência do meu pai. Apesar disso, as velas de uma certa realidade onírica ainda me iluminavam por dentro.

* * *

O inverno é uma casa fechada e vazia. Acendo a luz e apagam-se as sombras do silêncio. Entro devagar, cauteloso, expectante. As cortinas estão corridas. Oiço passos no teto. São de uma vida que habita sobre mim os seus dias, e que tem o nome de uma flor: Rosa. Mas a flor envelheceu como a chuva do sul, a pele secou, o corpo é agora do tamanho de um sorriso triste. Dorme sobre o meu teto. Todas as noites os seus sonhos descem como nuvens escuras, e flutuam ao meu redor numa misteriosa rotina que não consigo decifrar. Nesta casa só cabe o Tempo, coisa tão grande! O Tempo, sim, que me fala através da memória de outros mundos, daquilo que fui, tão ao sul do mar, nas fotografias que guardo nas paredes. Rosa, a vizinha, é uma ave no céu da minha casa. O seu inverno é tão antigo, tão vasto, tão misterioso como o inverno.

* * *

Leio a poesia de Wang Wei, o grande poeta chinês. Gostava de falar dos poemas de Czeslaw Milosz, de os tirar do vento e trazê-los aqui, a estas palavras, a este branco do ecrã. Mas Wang Wei chama-me, acena-me de entre velhas árvores, semiencoberto por uma luz de cristal que baila entre as folhas. E rendo-me. A sua poesia, pictórica, é

um reflexo de uma sensibilidade que viu as coisas por dentro, de um modo conciso, preciso. Assim foi também a sua pintura, outro grande talento seu. E, no entanto, foram as palavras, e não as imagens na tela, que lhe deram notoriedade. Talvez porque, no fundo, Wang Wei «pintava» com metáforas, e de um modo tão eficaz que a sua poesia era também pintura. Lendo Wang Wei numa calma noite de janeiro faz-me de repente refletir no meu percurso literário, desde 1976.

* * *

Encontrava-me na Rodésia, em Salisbury, no exílio de um hotel cuja clientela era composta na sua maioria de refugiados vindos de Angola e Moçambique. Eram almas tristes, perdidas, com um sol obscurecido sobre os ombros. Estavam ali com o mesmo desequilíbrio com que uma ave poisa num ramo frágil, e que de repente se parte. Eu era um jovem de 20 anos, triste como eles, sem grandes perspectivas e com 45 dólares rodesianos no bolso. Enfrentava a incerteza do futuro assim, sozinho, com a mala arrumada ao pé da cama. Adormecia com o cansaço da saudade e acordava com a sensação de ter tido, nas longas noites da minha inquietação, intraduzíveis sonhos de pó. Os meus pais e o meu irmão Carlos, o mais novo, estavam nos Açores. Guilherme, o mais velho, algures em Angola.

Numa tarde aziaga das minhas incertezas, regresssei ao quarto para esquecer-me do mundo. Sentei-me na cama e pus-me a observar o vazio que me cercava com a letargia de um presidiário. Então peguei em papel e numa caneta para escrever à minha mãe. Os meus dedos eram arados,

expetantes instrumentos da minha solidão e que, naqueles dias de chumbo, parecia eterna. Um pássaro deve ter voado entre o céu da minha angústia e o coração da minha ausência. Foi uma passagem célere, vertiginosa. Tocou-me profundamente e para sempre. Os dedos correram a terra do papel com palavras cuja ressonância vinha de muito longe, de um território sensorial estranho. Aquilo que viria a escrever não foi uma carta, mas o meu primeiro poema. Nesse momento compreendi que a minha voz era também a da minha ancestralidade, a da minha tribo. Era mais do que uma viagem pelo branco mar do papel. Era sentir as coisas por dentro, «vê-las» assim, vestidas com as cores da terra e do mar, da lágrima e do sorriso. Mais tarde, publicado no Diário dos Açores, de Ponta Delgada, esse pobre poema, com cheiro a maçã e degredo, viria a ser um marco na minha vida. Um caminho de chuvas na imensa pradaria do Tempo.

* * *

Há dias em que não oiço falar português. Sinto que algo me falta – um gesto, uma palavra que diga mar, setembro, azul. Acordo, trato da minha vida, vou à rua e volto a casa com os sapatos molhados ou cheios de neve. Às vezes com o coração vazio.

Quando a saudade aperta, vou à Internet ler o JL ou o jornal Público, ver a RTP. Preciso, nesta casa, do som da minha língua. Ficar cativo dela – entregue a esse fascínio, a esse amor.

* * *

Tenho livros, claro, presenças de papel que iluminam o meu espírito. Mas são vozes caladas, pregos na memória das coisas, barcos em movimento num mar de palavras. Quero uma voz, um pedacinho de sol a cantar em português neste espaço onde vou dobrando as páginas do calendário, mês após mês, entregue à imparável substância do Tempo.

Uma língua é mais do que um veículo de comunicação entre pessoas. Traz consigo mecanismos sociais, sensibilidades, idiosincrasias, modos de olhar o mundo. Traduz aquilo que somos, que temos de bom e de mau como elementos de uma sociedade. Reúne toda a nossa história, por muito insignificante que seja. Ela é o espelho da nossa idade. O país da nossa voz.

* * *

Escrever um romance sobre Angola não é tarefa fácil para mim. Tenho consciência de estar a exorcizar fantasmas antigos e a cobrir as feridas com areia fina. A menor brisa, a mais fraca, pode, num instante, deixar tudo a descoberto. Angola é o meu passado, longínquo agora, passados tantos anos sobre os eventos mais dolorosos que me fizeram decidir, num soturno, cinzento e frio dia de setembro de 1975 abandonar o país. Abandonar não é o termo. Sair, diria, será o mais apropriado. Não tenho nada que ver com a Angola do presente. Não a conheço. Pior do que tudo isso, é que não desejo conhecê-la. Demasiadas são as contradições, as frustrações, os desequilíbrios. Talvez

porque já não sou a pessoa que era. Os meus interesses são diferentes, as minhas experiências de vida, a minha «filosofia». Há coisas que hoje se tornaram insuportáveis. Sou totalmente avesso, por exemplo, a burocracias fúteis e irritantes e que existem apenas como forma de expressão totalitária, e cujos mecanismos privilegiam o aborrecimento alheio numa intransigência cuja legalidade apenas serve o despudor de mentes viradas para o abstracionismo que não serve propósito algum, mas o de exercer o poder acéfalo, a qualquer custo. Custa-me a pobreza extrema a conviver lado a lado com a abundância sem medida, a opulência suportada pelo descaminho da legalidade, a manigância, o desequilíbrio social. Muita gente morreu por Angola, pela sua independência. A desvirtuação desses princípios satura-me. A ganância sem medida tomou pulso, fincou fundações de ferro num chão de cinzas, totalmente minado em consequência de uma guerra que se prolongou por mais de trinta anos. A política envenenou as sociedades, manipulou mentalidades, corrompeu, orquestrou riquezas incalculáveis. Deu voz e proporcionou poderes a ditadores criminosos como Mugabe, e outros, espalhados pelo mundo. Angola é apenas um caso. A diferença é que nasci naquele país. Francamente desejo que prospere, seja um lugar de promessa e futuro. Mas...

Amo Angola com um amor triste e dececionado. Gostaria, no entanto, de lá poder voltar um dia, de cobrir os olhos com a sua luz, inebriado com os cheiros, as cores, de uma parte de mim que, no fundo, não deixou de acreditar numa esperança para além dos homens, essa espécie a que pertença, mas da qual às vezes me sinto tão incompatível, numa desilusão mais profunda do que a frieza e o abandono.

Eugénio de Andrade viveu dentro das palavras. Ou delas. Talvez as duas coisas. Eu vivia em Ponta Delgada quando li os seus primeiros poemas. Foi um encontro sublime, de puro êxtase. Nunca pensei que a minha língua pudesse cantar tão alto, ser tão cristalina, tão pura. De repente aquela voz, que vinha dos campos de Portugal, quantas vezes da infância, cheia de água, sol, frutos, do branco da cal e do mais puro azul do mar, começou a brilhar nas minhas mãos como uma madrugada do sul. Foi aí que compreendi que as palavras são também música.

Não conheci o poeta pessoalmente. Ele vivia no Porto, na Ribeira, numa bela casa virada para o rio, rente ao rumor de palmeiras altas. Foi um gesto nobre o da Câmara do Porto, proporcionar-lhe aquele espaço, em cujo edifício funcionava também a Fundação Eugénio de Andrade. Com o falecimento do poeta, aquele espaço, além de ter perdido o seu fulgor, tornou-se num vazio. Guerras, quezílias, coisas das banalidades humanas, deixaram-na naquele estado. Se olharmos cá de baixo, ou de alguma distância, e observarmos as janelas, tocadas pelas chuvas dos dias e pela indiferença dos tempos que correm, conseguimos descobrir nos vidros um rito de silhuetas sem vida.

Hoje, nesta idade em que o meu corpo se tornou, prefiro conhecer os poetas, ou os autores em geral, no papel. A arte que deixam. O lado pessoal, esse, pode ficar para os jornais, para a televisão. O fascínio que sinto pela poesia de Eugénio de Andrade está na obra que nos deixou. Tinha um feitio difícil, oiço dizer. É bem possível que sim. Quando se ama as palavras assim, tão brancas, tão aéreas, como se desce à terra?

*Aparecem todos os dias, os esquilos. Um é preto, o outro castanho. Ambos têm olhos reluzentes, pequenos diamantes escuros com os quais olham para mim com a desconfiança natural de quem é pequeno e vulnerável. Dão passinhos rápidos, movem-se como se impulsionados por uma corrente elétrica. Observo-os, curioso, da minha mesa do pequeno-almoço. Não vêm juntos. O preto, por exemplo, há poucos dias veio aqui esconder dois amendoins. Um no vaso e o outro na relva. O esquilo castanho, pelo que me apercebi, vem cá roubá-los. Acho piada a estes pequenos seres. Animam os dias. Vêm do parque ao lado, das árvores altas. Saltam de ramo em ramo como verdadeiros acrobatas, em voos prodigiosos, numa corrida. Um vizinho dá-lhes amendoins. Algum coração nobre, compadecido. Não haverá muito para comer por este lado. O inverno é longo, não tem compaixão por ninguém. E estas pequenas luzes de sombra, que correm por aqui diariamente, deixam pedacinhos de ternura no ar, a frescura da floresta, o cheiro do silêncio.*³

Lá ando aqui com as palavras. Já não conheço outro espelho. O dia correu célere na rotina do costume – algum frio, ténue céu azul, sem pássaros nas árvores. Tão longe ainda o verão! Os vizinhos andam sempre na corrida dos carros para as casas, dos dias para as noites, gestos

3. Curiosa coincidência. Eduardo Bettencourt Pinto desconhece que Eugénio de Andrade tinha um fascínio por esquilos, como pude presenciar quando o tive aqui em Providence para o lançamento de *The Shadow's Weight*, tradução inglesa de *O Peso da Sombra* por Alexis Levitin.

*de cumprimento, uma ou outra voz de vez em quando.
Falta-me o sol tropical, a cor dos frutos, a idade que já tive.
Tenho esta noite música brasileira no rádio, quero dizer,
um samba sem caipirinha.*

* * *

*Caminhar no escuro, as ruas quase desertas, algumas
almas solitárias pelo caminho sob grossos casacos.
Nenhum olhar a cruzar-se com o meu, nenhum gesto.
Cruzo-me com solitárias e nuas árvores, adormecidas
num estado meditativo, fechadas num círculo de escuri-
dão. Atravesso mais uma rua e prossigo no mesmo passo.
Tenho pressa em chegar ao lar onde vive a minha mãe.*

*Encontro-a debruçada sobre o jornal Portuguese
Times, que lê sempre com muito interesse. Tem-no esten-
dido na cama. Saúdo-a da porta e ela vira a cadeira de
rodas. A luz do candeeiro da mesinha de cabeceira traça o
seu perfil contra o silêncio noturno.*

*Um quarto pequeno, a janela para o jardim. Sobrou
tão pouco da sua imensa vida: roupa no guarda-fato e na
cômoda, uma televisão, algumas fotografias. A amnésia
deixa-lhe muito pouco do dia a dia, pequenos naufrágios
que lhe circulam o olhar, lembranças que mais parecem
neblinas. Lembra-se do passado com nitidez, de pormeno-
res que vão muito longe, anos e anos, longínquos porque
são noventa e quatro anos de vida. Conta histórias dos
Açores, mormente as de Ponta Delgada onde viveu grande
parte da sua vida adulta antes de ir para África. Viveu em
três continentes, quase sempre longe da família, a não ser
no período após a descolonização, altura em que regressou*

a Ponta Delgada onde permaneceu alguns anos antes de vir para o Canadá.

Trago-lhe um documento para assinar. Fã-lo com renitência. Teve sempre uma caligrafia exímia, tão perfeita como a de uma máquina de escrever. Letras certinhas, todas do mesmo tamanho. Só o Álamo Oliveira, com a sua excelente caligrafia, faz-lhe competição. «Não sei o que tem este dedo, deixa-me isto tudo torto», reclama sempre enquanto a sua mão vai correndo o papel devagarinho até chegar ao último nome. «Vê lá se está bem. Já não sirvo para nada. Nem sequer para assinar o meu nome.» Claro que está bem. Sempre esteve. Guardo o documento na pasta e tiro o tablet. Vamos ver o Mr. Bean, o comediante que ela mais aprecia. O riso apaga em nós, mesmo que apenas por momentos, os mais profundos sulcos da solidão.

* * *

Pablo Neruda era um colecionador nato. Não me recordo onde li que algumas mobílias da sua casa em Isla Negra foram feitas com madeira que ele foi encontrando na praia. Hoje há viagens organizadas de Santiago à sua casa-museu. Conchas, objetos obscuros de saudade e afeto, luzidias fragrâncias de momentos íntimos, guardou o poeta chileno, apertando contra o peito as cintilações mais sentimentais que foi encontrando por esse mundo fora. Gosto também desses objetos, mas não os trago para casa. A minha é pequena, frugal. Cabem aqui dois ou três versos, eu e a minha sombra. A casa de Neruda, alta, imponente, abrigava a luz, o vento, a chuva e os dias longos do mar. A vista das minhas janelas da frente é pobre: o parque de estacionamento, as plantas dos canteiros e o céu, quase

sempre plano, cinzento. Não usufruo pois do magnífico som do mar, nem o vejo. Oíço, sim, o rumorejar das altas árvores das traseiras, o crocitar dos corvos pela madrugada. Certas noites chega-me o lamento profundo dos coites. O rumor do vento. O cair desenfreado da chuva.

Coleciono memórias, não objetos. No entanto, fascinam-me as pedras, as suas formas limpas, as superfícies lisas e brilhantes como as mãos abertas de uma criança. São a metáfora abstrata do silêncio, a indiferença perante a eternidade. Pego nelas consciente de que elas representam, de uma forma singular, a espessura e a invisibilidade do Tempo. Iguais a si mesmas, envelhecem não envelhecendo, paradas numa instância de inabitável temporalidade. Mantêm-se assim pelos séculos. Inalteráveis. O mesmo não acontece connosco, seres humanos, ou com o mundo vegetal e animal. Estamos sujeitos a um imparável ciclo de renovação constante, de princípio e fim. Vivemos para nos sucedermos uns aos outros. Sobrevivemos naqueles que levam o nosso nome depois de nós.

Uma pedra na mão, redonda e brilhante, é uma forma de imortalidade. Seria bom, claro, se não fosse apenas uma metáfora.

* * *

O que é a saudade?

O rio Fraser parece um espelho refletindo uma imagem cansada. Cinzento, agreste, esquecido sob nuvens sem vida. Caminho devagar, cuidando que este curto passeio me dê algum alento, me renove energias e alguma

elasticidade nas pernas, ultimamente tão sedentárias. Trago comigo a máquina fotográfica. Balouça, solta, no meu peito. Dá-me uma estranha sensação de companhia. Quem passar por mim verá o «caçador de imagens» e não o homem com os seus pensamentos. A terra húmida, alguma neve aqui e ali. Levo as mãos nos bolsos, resguardando-as do frio, agora que a tarde vai caindo e a luz se transformando numa ausência. Caminho, penso e sinto. Atravesso a memória de braços abertos, estou noutra continente, há uma esplanada. Sentado, bebo um café. Estou na ilha da minha mãe, no colo da minha infância. Há um mundo inteiro à minha frente, vozes de amigos que ecoam, risos, uma gaivota a riscar os céus com a brancura e a energia do verão. Observo a vida com os olhos da juventude, a veracidade da alegria, o entusiasmo da eternidade. Sim, caminho pelo rio Fraser. Não é o Chilo da minha infância no sul, nem oiço a minha mãe a cantar junto à porta da casa de pau a pique. É o Fraser, rio adormecido, parado, inexpressivo, silencioso. Como dialogar como uma ausência que está perante nós, sem voz, sem a memória que nos leva de arrastão para a saudade?

* * *

Naquib Mahfouz, o prolífico escritor egípcio, e que recebeu o Prémio Nobel em 1988, lia todos os dias os jornais em busca de histórias. Era parte do seu trabalho de escritor, ofício que levou tão a sério que só decidiu casar-se aos 43 anos de idade, com receio de que iria prejudicar a sua vida literária. Teve duas filhas desse casamento. A verdade, porém, é que a sua vida familiar não obstou a sua carreira. Continuou a escrever e a publicar com a energia e

a regularidade de sempre. As ruas de Cairo, a vida política, as intrigas e todo o circo existencial do seu tempo foram aparecendo nos seus romances, contos, guiões para o cinema, teatro. A vida é um grande espetáculo e NM retratou-o bem. Há escritores sentados, quero dizer, virados para dentro de si mesmos, buscando nos túneis da imaginação os temas e os enredos para os seus romances. Não há nada de mal nisso. O poder da imaginação é prodigioso. Cada um usa as ferramentas que tem e com as quais mais se identifica. O que importa é o resultado final, a qualidade do trabalho. A sociedade em que o escritor se insere determina, melhor dizendo, influencia a sua temática, a sensibilidade, a identificação com o meio. Mesmo levado pelas forças da sua criatividade para outros meios geográficos (por exemplo, o poeta madeirense José Agostinho Baptista escreveu poesia lírica sobre o México e nunca lá esteve, pelo que se consta) vem sempre acompanhado pelas influências da sua cultura, sob os seus vários domínios, desde a semiótica aos mecanismos da sociologia de grupo, identificação com ele, peculiaridade na observação dos outros, na expressão da sensibilidade, etc. Quando eu vivia em Luanda, passei grande parte da minha vida a observar o mundo que lá acontecia. Vivia rodeado de um manancial de histórias, coisas do dia a dia, fabulosas algumas, horrendas outras, alegres, tristes. Angola, tanto para um escritor como para um poeta ou um artista de qualquer género, fornece, no seu palco diário, uma miríade de oportunidades criativas incríveis como resultado daquilo que se pode observar na rua, ou nos relatos que gostosamente se ouvem da boca do povo. Isto para dizer que aqui, onde vivo, passo os dias a observar o silêncio a resvalar das paredes como uma luz órfã de vida. Tenho

saudades do movimento, das cores, dos cheiros tropicais daquele tempo, essa festa que tanto influenciou a minha maneira de estar no mundo, onde quer que seja.

* * *

John, meu amigo escocês e ex-colega de serviço, telefonou-me há semanas. Há mais de um ano que não conversávamos. Talvez há mais tempo. Quase não dou pela passagem dos dias, tão distraído que ando com as sinuosidades da vida. Fiquei de lhe telefonar. Entretanto o meu estado de saúde piorou, bem como a minha disposição. Espero que a primavera, com a sua doçura habitual, me traga um céu de brancuras azuis e uma gaivota no bico.

Quase não reconheci a sua voz. John tem a têmpera de um corredor de fundo, embora as pernas curtas, e a barrigona, que parece carregar sem grande esforço, não transmitam essa imagem dele. Anda muito depressa como se estivesse sempre atrasado. Entra por tudo o que é sítio com a determinação de uma súbita ventania, o peito de galo de combate a insinuar-se como uma ameaça. Mas é tudo fogo de vista. Ele é um pacifista, embora ferva em pouca água. Gosta de andar pelos centros comerciais à cata de saldos e delira quando chega a casa carregado de compras. Um mundo pequeno, o seu. Às vezes tocado por uma inocência quase infantil.

- Eduardo? - insistiu. - Sou o John...

A noite batia na janela com uma fúria escura e

silenciosa. No estêreo, uma voz brasileira trazia para a minha sala a frescura de uma garota do Ipanema. A voz do John, no entanto, parecia o cicio de uma brisa noturna.

– John B?

– Que se passa contigo? Já não reconhecês a minha voz?

– Desculpa. Parece-me um pouco diferente. Está tudo bem contigo?

Não estava. O John tinha sofrido uma trombose. Ficava com sequelas na locomoção, no timbre de voz, no espírito. Uma casa vazia.

Não sei quem vou encontrar amanhã no café. Que John. Mais sisudo, grave, instrospetivo? Sensível? Uma lâmpada ténue na escuridão?

* * *

Chuva a bater com violência contra a janela. O vento. O temporal na costa. Veio atrás do carro e acompanhou-nos até aqui.

No escuro, sob uma manta grossa, oiço o vento. O Fábio dorme no outro quarto. Ou está ainda acordado? Trouxe a guitarra elétrica. Daqui a poucos dias terá de ir tocar a Vancouver. Aproveita para ensaiar, a guitarra ligada a um pequeno aparelho e de lá aos auscultadores. Assim não incomoda ninguém.

O vento insiste, tanto que me faz lembrar o vento dos Açores. Rajadas furiosas, derrubando árvores, varrendo as ruas com uma fúria incontrolável.

Na minha cama de solteiro, sentia a velha casa da minha avó Irene estremecer. De um momento para o

outro voariam as telhas, a claraboia, os quadros da parede. Encolhia-me, afogava-me sob os cobertores, regelado. Estava num frigorífico. Nunca tinha enfrentado aquelas temperaturas na minha vida adulta. Viera de África, o corpo moldado à humidade e ao calor de Luanda. Aquele vento, empertigado e incontornável, parecia atravessar as paredes, a roupa. A alma.

Agora o vento da costa correndo o vidro das janelas, assobiando, fazendo com que regresse aos meus dias açorianos, às noites de temporal, encolhido sob o cobertor, a vida tão grande pela frente. Nesta noite de turbulência, não sinto frio. Tenho o conforto de um apartamento no monte, mas falta-me o que já partiu: a juventude, o meu pai, a minha avó Irene e o meu tio José, aquele tempo, o vento dos Açores a brincar comigo num quarto antigo. O cheiro dos meus antepassados pregado à roupa da cama.

* * *

Oiço música. Chove de mansinho, como se a escuridão chorasse devagar e de bruços.

Domingo.

Vim ontem da costa. Ao aproximar-me do ferry, aquela sensação de quem deixa para trás um pedaço de silêncio amarrado ao tronco de uma árvore. A tranquilidade da floresta, a mansidão do mar. O sorriso, a bonomia daquela gente sem pressa. A costa é uma espécie de ilha de S. Jorge, perto e longe do mundo. Tranquila, com outra respiração. Afável.

Em 2010 passei por lá de bicicleta com o Fábio. Percorremos ao todo 246 quilómetros. Subidas intermináveis,

cansativas. Dormir em tendas um sono sobre chão duro e pedregoso. No fim, já no ferry de Nanaimo para Vancouver, o Fábio de palavras fechadas na boca, o olhar a correr como uma brisa entre as gaivotas na tarde que findou consumida pelo fulgor de um poente em chamas. A nostalgia das coisas que findam e deixam marca positiva. Ele tinha quinze anos. Desde então tornou-se o meu herói.

* * *

Encontrei-me (finalmente!) com o John. Cheguei lá antes da hora aprazada. Estranhei não o encontrar. É talvez a pessoa mais pontual que conheço. Olhei de relance para o fundo do café e acabei por me sentar a uma mesa com apenas uma cadeira. Entraram sombras, entraram silhuetas enquanto, agarrado ao telemóvel, fui, lentamente, despachando uma mensagem.

Entretanto vagou uma mesa perto da janela e mudei-me. O sol, da cor de uma laranja, batia nos vidros com a doçura de um sorriso alegre. Despi o casaco.

Ao cabo de dez minutos decidi ir ao balcão buscar um café. Foi nesse momento que senti uma ligeira cotovelada nas costas. Era o John. Tinha chegado antes de mim. Como é baixo não o vi. Ou então é dos meus olhos.

Sentou-se devagar, a chávena de café na mão direita. Tirou o casaco. O sol batia com a insistência de um abraço terno e prolongado.

Falámos de doenças, de como nos surpreende o tempo e as suas arbitrariedades. Aos poucos a pessoa vai-se habituando ao ritmo das situações por que vai passando. Acaba por se entregar ao vazio e aos fantasmas que cria, agudizando as dores e a solidão.

John está com o bigode todo branco. A voz, que tanto animou os serões de caraoque por tudo quanto é sala, enrouqueceu. Já não anda como um ciclone, nem as suas mãos dançam no ar como duas folhas de mangueira. Aquietou-se como uma pedra no caminho. A sua alegria empoeirou com a jornada. Não é o viajante, mas um elemento da paisagem, agora inóspita, parada, expetante.

Foi isso o que mais me doeu: o capitular. O sol de outra terra enterrado no coração da terra.

* * *

Escrevo-te com a noite a amarrar-me os pulsos. Não venho de lugar algum, e se venho, é de um túnel. Chego a tua casa como um sem-abrigo, desorientado com o pó da estrada, a roupa coçada dos ventos e do chão das ruas, três ou quatro palavras, quase todas órfãs, e este balbucio através do qual te peço imensa desculpa pelo meu grande, imenso silêncio.

Ao corpo veio o mal do mundo; apertou-se-me o círculo, tornou-se num muro, tão alto como a ausência. E assim me fui apagando de mim, cego entre relâmpagos, cuidando das trevas que se levantaram do chão. Tristeza, solidão, desapontamento. Letargia. Um espaço de cinzas com pontes derrubadas, o abismo na cabeça, uma casa sem vozes e com o rumor da chuva por fora.

* * *

Uncle Mike Yates faleceu ontem à noite. Cumpriu 81 anos de idade numa cama de hospital em Vancouver no passado dia 10 deste mês. Encontrava-se hospitalizado

desde dezembro. Familiares e amigos juntaram-se na sua bela casa para o jantar comemorativo do seu aniversário. Depois seguimos todos para o hospital. Hongyun, a esposa, levou um bolo de aniversário cujas velas uncle Mike conseguiu, com algum esforço, apagar.

Enquanto que o corpo, debilitado, o traía, a mente, enciclopédica, discorria com a vertiginosa velocidade de sempre. Sob os lençóis, inertes, as pernas sem o vigor de levar pelo mundo o seu corpo atlético, uma presença formidável e, por vezes, truculenta para com aqueles que não eram do seu agrado.

Chove hoje. É um dia escuro e triste, ainda mais ensombrado com esta notícia devastadora e sem remédio.

Ficam os livros, as memórias, as suas gargalhadas de montanheiro. Fica o fervor da sua inteligência, a imensa cultura, a eloquência, o saber sem as peneiras nem as ostentações gratuitas dos mediocres. Fica também o seu feitio difícil, quantas vezes agreste e insano. Mas assim são os génios: rasando o indelével, a magnitude e a loucura. Uma abrangência conflituosa em cujos labirintos se traduz o indizível, a incessante busca, entre luz e sombra, do mistério da nossa existência e do seu significado, questão nada pacífica para quem se atreve a redesenhar as complexidades do espírito, cobrindo-se quantas vezes com as cinzas do conflito que é o exercício da espiritualidade à escala humana, falível e em eterna busca, até se perder, quantas vezes, num inabitável deserto de lucubrações.

Sinto-me desolado e empobrecido. Com a idade, acumulam-se as perdas e a vida vai-se desertificando. As paredes vão-se aproximando de nós com o seu intransponível poder, exercendo sobre nós uma pressão asfixiante, como se estivessem prestes a engolir-nos a qualquer momento.

Adeus, uncle Mike. Obrigado pela travessia do tempo, sob temporais e ventos amenos, juntos quanto foi possível estar nesta barca em que navegámos sobre as sinuosas águas dos dias.

* * *

Escrevo-te do quarto da minha mãe. Dorme, dorme muito os últimos sonos, disse o médico. Não a quero acordar, mesmo sabendo que nos estamos a despedir.

O dia foi de sol. Encontrei-a acordada, a janela aberta. Reconheceu-me e algo em si brilhou. Falei-lhe de trivialidades até não ter mais nada para dizer. Falta-me coragem para chorar dentro das suas mãos, de agarrar-me às dobras do lençol e pedir-lhe que não se vá embora. Uma mãe nunca devia morrer. Ela é a ilha mais rumorosa da minha vida. Choro com as lágrimas que escondo, tão certo, cada vez mais certo, que ainda sou o menino que se escondia atrás da sua saia com medo do vento.

* * *

Quedo-me por aqui nesta breve amostra.

Abstenho-me de comentários. A literatura portuguesa da diáspora não pode, de modo algum, ignorar semelhante

voz. Ela certamente ecoará fundo em qualquer leitor que alguma vez tenha vivido no estrangeiro (viajar como turista não conta). Se poucos terão experimentado de modo tão intenso e constante a distância e a ausência, todos mais ou menos reconhecerão nesta escrita algo que empaticamente hão de sentir também seu.

Providence, Rhode Island
21 de setembro de 2021
Onésimo Teotónio Almeida

OS DEDOS NA IMAGEM

MÚSICA

Entrega aos dedos
o domínio da arte.

Pega na guitarra
— cada sílaba
um acorde.

Escuta a música
entre os dedos.
Um bolero é isso.

A GUITARRISTA

Os cabelos caem sobre a guitarra.
Dançam com os dedos,
revoada de sinais
entre a música noturna dos seus caracóis.
A audiência, sentada na expectativa,
não sabe acolher nas mãos
o milagre dessa rosa.

CÂNTICO SOBRE UMA GOTA DE ÁGUA

A música, instante ardente dos salmos,
transforma a pedra num templo.
Ilumina os caminhos noturnos
das palavras,
as páginas de lume
dos velhos pergaminhos do deserto.
Alma da água, do vento.
Cintilação de cristais nas vestes das virgens.
Dançam ainda, vês?,
entre as últimas ruínas da luz.

CICLO NOTURNO

Que esconde a noite
nos impenetráveis labirintos?
Que palavras respiram,
abandonadas,
sob a cabeceira?
O desejo afunda-se na terra
da carne.

Ouve-se uma guitarra lânguida
entre os pinheiros,
a janela aberta,
a brisa,
as cortinas num cântico
surdo.
O mundo é mais escuro
junto ao coração.
A noite, a funda noite,
as ruínas dum caminho.

QUADROS

No sul, as casas correm para o mar.
Seriam brancas, ao fundo, nos dias limpos
e altos
se pudesses apagar da nostalgia
um vasto outono de regressos.

* * *

A voz que te abrigou das chuvas,
agora um esplendor de orvalho
sobre a rosa.

* * *

Dá-me a tua mão, mãe.
Dói-me tanto o mar sem ti!

* * *

Que restará do trigo que cresceu
no teu nome
se o olhar envelheceu
entre a escuridão do mundo?

* * *

O tempo, árida terra,
deixa na tua pele
a idade do pó.

* * *

Se abraçares os pinheiros bravos
com as palavras mais inocentes,
encontrarás ainda a criança
e a sombra das suas mãos.

AS PALMEIRAS DE EUGÊNIO

Uma palavra pode ser uma gota de água
na mão duma criança.
Mas Eugénio, curvado sobre os ramos
das palavras,
ouvia os pássaros.
Estorninhos?
Talvez pardais.
Quem sabe?
Ou, se voltarmos descalços
pela memória,
tropeçamos nessas solitárias aves do sul
que entram nos olhos de repente
e nos cegam
com a claridade da manhã.
Talvez o poeta ouvisse a voz da mãe
quando cantava,
e o canto se confundisse com a cal das paredes
por ser tão branco.
Mas lá fora, atravessando o sol e o vidro
da janela, perfiladas no seu orgulho
altivo e firme,
as palmeiras.
O rio deslizava
com um brilho musical.
As barcas, as gaivotas.
Com a brisa veio o cheiro
de setembro.
Uma luz fatigada abrigou-se
no parapeito.
De joelhos, como numa prece,

foi-se aproximando dos versos,
rastejando nas palavras
com o rumor das palmeiras.
Ao chegar à mão,
deixou cair as sementes.

ALLEGRO MAESTOSO

Cheguei à Galiza
com um nome na memória.
Era uma pedra, o nome,
um cristal de água.
Quero dizer:
orvalhava nas últimas sílabas.
Soube então que a sua voz,
que cantava como o mar
em certos dias de setembro,
partira com o verão.
Consigno levava
as suas éguas
mais brancas.

MITOLOGIA DO SUL

Só a poesia abraça as palavras,
deixa na sua pele a fluidez
dos rios,
enquanto a brisa derrama
o seu vinho de cristais
no sonho dos últimos
bardos.

VINHO

Água do ar, vento e sol.
Água do verão nas mãos
da claridade;

rumor da terra no sabor da essência,
tão húmida vertigem
dos sentidos.

Traz, copo a copo,
o inebriante lume da água.

RITOS

Um anjo de pedra observa o mundo
com olhos mortos.
A multidão comove-se.
Balbucia preces, joelhos no chão,
velas em riste.
Cada fenda no rosto a linha duma utopia.
Na mão o cheiro do lume, a cor dos ritos.
Os devotos chegaram à fé de pedra em pedra.
Construíram templos e varandas sobre o mar.
Escreveram na água, no vento e na melancolia
o tumulto da alma.
Vieram, de geração em geração,
por ruas ancestrais
até às colunas dos mitos.
Agora o menino segue pela mão
os dogmas desse povo.
Leva nas palavras o êxodo,
o pergaminho dos séculos,
o pecado, a redenção.
Quando aprender que as pedras
são coisas da terra,
caminhos, paredes,
verá então que não há morte
ou vida no anjo do altar.
O sofrimento desse rosto,
inclinado sobre o vazio,
veio das mãos dum homem.
Não há mentira na arte.
Só feridas de silêncio
alimentando
a respiração dos equívocos.

A PALAVRA

Deixo cair uma palavra
no regaço de abril:
é uma semente.
Podia ser a primavera.
Mas vem devagar, soturna,
a tropeçar na chuva.
Há uma visão de sombras
no centro do verde onde cai.
A palavra arrasta-se pelo chão
como um país apedrejado.
Não é um poema nem um grito,
mas o silêncio de um homem
frente à janela.
Perco a palavra como uma gaivota
as asas sobre o mar.
Afunda-se na escuridão.
Os meus dedos ajudam-na a cantar
entre as colunas
de mais uma noite sem templos.

OLHAR ENTRE RUÍNAS

Triste de tão bela a pedra
que olhas,
o mar em frente.

Restolham no pó
os últimos sonhos do verão.

Um pingo de luz apaga no silêncio
as breves pegadas
do teu regresso.
Tudo tão árido e vazio
como uma mão sem amor.

Vens à ilha beber o sol.
Num vaso de barro, à entrada da nostalgia,
iluminam-se as ruínas
do entardecer.

Abraça a tua silhueta na brisa
de cal.

A casa, a grande casa da memória
ruiu como um pensamento em chamas.

O sol, o menino
que brincava contigo,
os bolsos cheios de cigarras,
agora um homem de joelhos dobrados
junto às ravinas,

a boca rente à terra seca,
cabelos revoltos e brancos.

Um mistério de fulgurações rompe
os frágeis tecidos das suas vestes.

Que harpa lenta do velho sul
gravita na brisa?
Foram-se os músicos e os bardos.
Dançam nos varais da melancolia
as suas roupas noturnas, espetros líricos
de uma tribo sem vocação para a morte.

Abres a porta.
Um cheiro a essências mortas
atravessa o ar num golpe de espada.
Quantas vezes perdidas aqui,
em cinzas pelo chão?

O mundo é um livro de assombros.
Não olhes os espelhos.
Há um sol de nuvens escuras
oculto nos teus olhos,
tão cegos como a terra.

A VIZINHA

Pés furiosos sacodem o teto.
De chumbo ou pedra, importunos e dominantes,
calcam a noite.
O silêncio estremece como um copo
prestes a estilhaçar-se no chão.
Nem Beethoven, que vem da sala
com iluminadas sonatas
consegue eliminar a disforia.
Numa revoada alucinada
evade-se das palavras um bando de colibris.
Não há poema que resista ao furor
incendiário do ruído.
Sob a caneta escorre um veio
de assombro.
O que era fluido – o rio, música de fosforescentes
substâncias,
mistura-se, exangue,
no desarrumo frenético das sombras.
Nestas colmeias humanas
onde arrumamos a vida
um teto é um assalto
de maus hábitos,
uma desenfreada rua.
Por direito de outrem
invade-nos a intimidade
um ladrão sonoro de pistola em riste.
Não há por onde fugir.
Em cada passo que deflagra por cima
da cabeça
um pontapé

na luz do candeeiro.
Uma cobra rasteja
no escuro da impaciência.
Uma a uma morrem as palavras
sob o pulso.
De chumbo ou pedra,
os passos da vizinha destroem a lua
no canto da janela.
Avançam, destruidores,
sobre os lençóis
a caminho
dos meus sonhos.

O PAÍS INVISÍVEL

Há uma pistola apontada
à tua infância.
A turba, colérica,
cerca-te na praça pública.
Despem-te a dignidade
até à alma.
Apedrejam a sombra
que trouxeste do sul.
Encostado ao muro da História,
aguardas a execução.
Largam fogo ao teu nome
e dançam, eufóricos,
sobre as cinzas.
Sanguinários e gargalhando,
mordem-te os calcanhares.
Levarás pelo mundo uma lua de apocalipse
na marca dessas feridas
— a cicatriz de teres nascido
na terra dos outros.
O teu país
será o odor das goiabas
no vasto horizonte do tempo,
uma canga de culpa
na metamorfose
dos tempos.

O RELÓGIO

Estava entre papéis e sombras,
esmagado pelo esquecimento.
O cheiro da pulseira
guardava o pó dos teus movimentos,
o bater duma porta dentro da noite.
Os ponteiros, amarrados
à surda voz do tempo,
cantavam como uma pedra.
O velho relógio,
comprado nos últimos dias de África,
cegou no branco oceano
das horas.

Parou, quem sabe,
entre o rumor duma maçã
e o orvalho
da claridade.
Ou rente ao crepúsculo
sobre as palmeiras,
os flamingos ao fundo
em pleno voo.

São sete horas
num relógio que dorme
como um velho num banco,
o mundo apagado
rente aos pés.

Disseste um dia
que um relógio não marca

as horas do tempo,
mas duma vida.

Eu sei, pai.

Nesta casa vazia
até um alfinete, caindo
no chão,
reproduz o som do universo.

São sete horas
como numa catedral rodeada de pombas,
mas vazia por dentro.

Às sete horas de hoje
amanheceram rostos sem voz.
A luz tombou
entre a timidez dos ciprestes,
exausta e fria de tanto,
tanto
silêncio.

O SILÊNCIO

Cerca-te como a sombra
de coisas
sem forma,

livro fechado
entre o vago pó
do tempo.

Carrega nos braços
a voz da água
e um breve fio
de lume.

Desfolha-se.
Não é outono,
mas traz nos pulsos
a música dos frutos.

E dói
como uma ferida aberta
nos olhos
da melancolia.

OS ÚLTIMOS DIAS

A cama é uma nuvem parada
num quarto triste.

Não passam gaivotas.

O azul não é o do céu,
mas da colcha de algodão
onde repousa o meu olhar
quase órfão.

As cortinas abrem-se
para o húmido jardim
de fevereiro.

As mãos de minha mãe,
cansadas como flores murchas,
desenham no silêncio
um gesto de adeus.

Retenho-as nas minhas.
Suaves e frágeis águas
do tempo,
lavaram o pó do sul
no meu corpo,
a tinta árdua dos porões dos navios
na juventude do meu cabelo.
Trouxeram o pão
com doce de goiaba,
o rumor do mar.

Descansam agora
como a terra seca dum jardim
aflito.

Escurece sobre a cama
entre as ruínas
da sua respiração.

Curvo-me ante a sua grandeza.

O mundo é uma bola de sabão
nos meus olhos.
Sobe e desce
entre as minha lágrimas
enquanto a janela se vai fechando
ao oceano duma vida.

ARTE NOTURNA

Acaricia as curvas
da noite
entre a luz do candeeiro.

Colhe no escuro
as romãs das palavras.

Não feches os olhos:
um grito nada
na água do silêncio
como um peixe.

Escreve o mundo:
há nomes que caem
na terra
como sementes.

Crescem tanto!
São florestas, eucaliptos
brancos.
Abrigam a irreverente nostalgia
das aves.

São o verde duma sombra,
o rosto e a luz
das mãos.

Caminham contigo
como cães de neveiro,
a noite funda.

Ouves os passos sobre a claridade
adormecida,
tão vaga nos teus olhos.

Descobre na escuridão a pedra
onde abrigas as lágrimas.

A arte é um sinal de chuva
nesse abrigo outonal.

A MINHA SOMBRA

Cansa-te dobrar os joelhos,
chegar aos sapatos, apertar os laços.
Preferes estar descalça entre os meus passos
como um cão que se esconde
do inverno.

Foste ágil,
tão perto da música,
o movimento fluido da água
como a voz que regressa do rio.
Podia tocar-te a pele no chão,
o cabelo loiro e longo,
o pó vermelho nas sandálias.

Tudo é possível
quando somos crianças.

Nua sem permissão
sobre o fulgor das pedras,
o sol cantava
ao teu redor.

O tempo passou e deixámos África
com reverência e desespero.

Atravessámos depois oceanos
de mãos dadas
com o destino.

Em dias bons
colhemos no rumor das abelhas
o sombrio ardor das camélias.

Descemos agora ao outono das vozes
que crescem ao nosso redor como florestas adormecidas,
até chegarmos a um ponto no tempo
em que num abraço
nos tornamos
um.

O VELHO POETA

O POETA E A CIDADE

Um homem sentado na esplanada
parece o fim de setembro.
Escreve no guardanapo quanto brilha
uma pedra abandonada
entre o branco rumor do sul.
Junta ao poema a imagem duma palmeira,
dois ou três cães soltos na praia.
Virá a noite. Regressarão as aves
com a irremediável solidão da costa,
a cor azul do céu, os barcos,
vestígios da brisa e algumas lágrimas
num sorriso sem pressa.
Deixará numa ou noutra palavra
o cheiro das goiabas num gesto de oferta,
a reverberação e o odor do mar.

Enquanto escreve a cidade passa alheia
e de óculos escuros.
Por trás das lentes apaga-se a luz do mundo.

Em qualquer momento pensará nela
como um rasto de pegadas surdas
no deserto

ou num sonho
que se perde na almofada
como um peixe
nas águas da tarde.

NA ESPLANADA

Na esplanada,
a tarde cai
sobre as mesas vazias.
Sente nas mãos as águas dos instantes,
uma torrente de solidões.
Cansa-se da brisa que corre da autoestrada
e mergulha ao seu lado
com o som metálico
do tráfego automóvel.
Abre as mãos às palavras
da tribo.
Trazem a leveza das sementes,
as dispersas raízes da voz.
Uma criança cresce
no poema que escreve.
Quando salta da página
atravessa a rua a correr
e perde-se no longo oceano
da idade.

CAFÉ

Entra no café com a noite
escondida nas palavras.
Deixa o casaco nas costas
da cadeira.
Pingam no chão
restos do outono.
Um frio de raízes ofegantes
corre-lhe o corpo.
Nos vidros, embaciados,
desenham-se figuras em queda.
Vem aqui esconder-se
da melancolia.
Não conhece estes vultos
que se debruçam sobre as notícias
tristes dos jornais.
Estão separados por fronteiras
invisíveis, muros de sombra
onde repousam, fatigados,
os velhos corvos
das suas vidas.

O VELHO POETA

No café, enterrado na velha cidade,
entra o poeta.
Todos os dias, sentado no mesmo lugar,
viaja a cavalo das palavras.

Senta-se vergado sob o peso da sua vida,
uma enciclopédia
do tempo,
um ruído silencioso de sombras.

A luz doirada da tarde
entra pela janela
e dança nos seus óculos.

Bebe, devagar, chá de ervas aromáticas
enquanto a memória se agita
num calendário de solidão.
Abre, por fim, a pasta.
Dispõe os papéis sobre a mesa.
Pensa por momentos na silhueta dos beduínos
afogados no imenso mar
da nostalgia.

Podia escrever sobre os pombos adormecidos
nas frias catedrais dos mitos
ou quando se apaixonou por uma rosa
num imprevisível dia em Alexandria.
Mas a sua mão, irreverente, corrompe
o movimento da luz entre duas palavras.
Escurece de repente

sobre o rumor da sombra.
Assim começa o poema
que escreve.

OFÍCIO DE PROCURA

— Retrato de Borges

É uma figura de penumbra, curvada
sob o peso da luz. As manhãs são velas acesas
no canto dos seus olhos.
Da janela que abre para a memória, observa
um cavalo de sombras amarrado ao jacarandá.
Volta, arrastando os pés,
à antiga secretária de mogno onde gravitam, entre papéis
velhos,
palavras desarrumadas. Parece, entre altas estantes de
livros,
uma frágil estátua de fumo e pó.

Colecionou versos a vida inteira entre esqueletos
metafóricos,
entre sonhos nas longas noites dos seus dias, os óculos
embaciados pela névoa que lhe cobre os olhos.
Pela tarde vai ao café amparado ao braço de Maria.
Bebe chá amargo com disciplina anglo-saxónica,
lentamente, enquanto desfolha o jornal
para ouvir o rumor das folhas entre os dedos.
Regressa a casa sem ter saído de si mesmo.

Chove nos seus passos de bibliotecário,
pelas ruas da sua melancolia. A voz branca
de Maria é uma pomba que lhe agita os sentidos.
Antes de entrar em casa e sacudir o guarda-chuva,
volta o pescoço e deixa o seu olhar vazio correr
a rua que não vê.

A sua voz de metal abre a porta
a um novo labirinto de sombras.
Segue o cheiro dos cabelos de Maria
pela casa adentro.
Todo o seu corpo treme com a visão austera
de uma lembrança.

Um corpo nu? A magnífica curva
de um seio?
O homem que foi perante tudo isto?

Como num poema inacabado,
afunda-se na casa num declínio solitário
que se vai apagando no chão
sob o peso do seu corpo.

O POEMA

Aparece uma frase solta
com a repentina leveza dum pássaro.
Se vem de noite traz o peso grave, soturno,
do viajante atónito e indescritível,
as grossas lentes dos óculos embaciadas,
a extenuada respiração do outono na voz.
O poeta abre a porta enquanto dois pingos
de silêncio resvalam dos seus dedos.

SUL

SALINAS NO RETRATO

Na parede,
o retrato leva-te ao rio.

Vês o menino?

Descobre nas mãos a infância do sol.
A memória chega fatigada ao teu olhar.
Despe-se como um velho:

deixa na cadeira o casaco da idade,
arrepia-se com o frio da melancolia
entre as fendas da janela outonal.
Quando se inclina aos sapatos
tem a lentidão duma sombra
em setembro.

As outras vidas do retrato
povoam a ausência.

Menos o rio.

NOSTALGIA

Vieste do sul
descalço sobre o mar
para ouvir um piano
na ilha da tua mãe.

Profunda a noite.
Os coitotes uivam junto aos áceres
num lamento de intraduzível
melancolia.
Perturbam o sono
da escuridão.
Reconhecerás daqui a pouco
os sinais
das primeiras chuvas,
gota a gota,
no espelho.
As pedras perderam
o calor do verão,
as cigarras emudeceram,
as cítaras, as harpas.
A música foi-se apagando
como uma vela
em sessenta e sete estações
em b menor.
Guardas a ilha e o mar
sobre a cómoda
no retrato a preto e branco.

LABIRINTO

A mãe levava-te pela mão.
África não era ainda a ferida de pó
que cobre agora a moldura dos dias.
Sinais de chuva corriam pelas tuas sandálias.
O tempo não morria de fadiga
como um trapo sem préstimo.
Não sabias que o silêncio também envelhecia
dentro de nós.
Cobria-te os ombros uma linha de luz.
Não era o amargo destino do sul,
o horizonte de cinzas
que cobre agora a silhueta
dos que se foram.
Tão cedo era ainda o tempo
na mão da tua mãe,
o mundo, a ave
que cantava nos seus olhos.

POEMA À MÃE/1

Sentado no muro da infância, junto à goiabeira,
ouvía o rumor do teu vestido entre a brisa da tarde.
O sol das tuas mãos caía nas folhas.
Com ele ordenavas o mundo.

Não havia palavras mortas
na voz com que me chamavas.
Eu era um pássaro na água
dos teus olhos;
às vezes, o nome dos frutos
que as quitandeiras cantavam
pela rua fora.

Minha mãe, leva-me de regresso à infância,
dá-me o milagre de uma flor a cantar
nas tuas mãos,
a música de uma pedra
rente ao silêncio.
Dá-me a sombra do teu sorriso
neste muro onde agora me sento,
a luz do tempo em ruínas,
sem goiabas, sem sol.
Tão grande o uivo da noite, tão longe a inocência.

Minha mãe, ó minha mãe!
Dá-me o oiro todo de um pomar,
os rios que atravessam os frutos
na primeira madrugada do verão.

POEMA À MÃE/2

Vou ter contigo ao mar
duma sombra.
Chamas por mim
dentro dos meus olhos.

Como ver o teu rosto
no inverno das imagens?

Como tocar-te
no limite do impossível?

Não sei atravessar a rua
da tua ausência, mãe.

Vejo-te
quando me vejo

numa instância de luz
a tropeçar
nas lágrimas.

SALINAS

O dia tem muitos anos.
O sol roeu as horas
como a ferrugem a velha âncora.
Regressamos pela estrada
onde o sul nunca acaba.
Há um cais de partida
dentro de nós.
Não encontraremos
a casa, o choro da hiena
rastejando sobre o pó noturno.
Não veremos as costas
de quem se afastou para sempre
do nosso sangue.
África é uma fenda aberta no coração.
O que há de nós entre as ruínas?
Se olharmos pela janela dos sonhos,
o rio, esse mar que atravessou
para sempre a infância do sul,
é o menino que canta com a água
nestes versos.

A CASA

A casa abandona-se à vertigem dos ventos.
Entra pelas janelas a neblina dos montes,
o cheiro da hortelã,
a escura cor do olvido.
Não há lenha e fogo na lareira,
o calor de vozes e mãos.
Os nomes dos teus mortos são páginas em branco
entre o pó dos móveis.
Perdeu-se o oiro de setembro
sob uma constelação de sombras,
nos campos sem arados,
nos selvagens regatos de Alebag.
Fecha a porta às quatro paredes da noite,
à insistente vertigem dos símbolos.
Quem parte, ó filho pródigo,
leva aos ombros o último crepúsculo
da infância.
Só podes regressar à madrugada
do teu nome.

BALADA COM PEDRAS

Venho, sem pressa, pela longa estrada
da memória.
Trago aos ombros a sombra de nuvens escuras.
Sou duma velha cidade do sul.
Ruíram as casas, os templos, os mercados.
Secou o trigo, os grandes rios do amanhecer.
Não há videiras para o nosso vinho,
nem o som da harpa alimenta as palavras
mais inocentes.
Chove nos olhos das mulheres.
O nosso amanhã é uma tenda no deserto.

O destino pergunta:

- Por que te vais embora?
- Ninguém espera por mim desde o primeiro inverno
da minha infância.

Fraqueja o couro das minhas sandálias
neste caminho que me leva ao pó.
Não há lençóis que recebam o cansaço
dos meus ossos.
Vigio as estrelas de outras terras deitado
nas areias das minhas raízes.
Pela manhã o olhar seguirá o silvo das águias
e das nuvens que regressam,
agora e sempre,
ao interminável deserto de Alebag.

BREVE MEMÓRIA DO MEU PAI

Os pensamentos do meu pai envolvem-no
como vastos desertos enquanto se afasta
da cubata para sempre.

As caiadas paredes de adobe,
que desafiaram a ardência solar
e as chuvas impetuosas,
desmoronam-se.

O peso da solidão destruiu o teto.
Vem do rio um restolhar de palmeiras.
Toca-lhe os ombros com a fluida,
quente brisa do sul.

As suas mãos têm o cheiro dos cafeeiros,
dos girassóis, sonhos. Sangue.

Uma imagem de mistério persegue
a sua alta estatura. Nada resta.

A escuridão torna-se num oceano
de silêncio.

AS MÃOS DO MEU PAI

Sentado no jardim,
poisam nos teus cabelos
as nuvens de maio.

Não vêes a cor das camélias.
Entre os teus olhos cresceu
a mais triste música
da terra.

As aves do tempo
voam em círculos
à tua volta.

Que luz dança pela manhã,
tão vazia sem os teus passos?

Repara:
tenho agora as tuas mãos, pai.
Corro-as pelo vento
das coisas adormecidas
nos caminhos sem regresso.

Que lume arde nas sombras
mais frias do silêncio?
Quantas palavras morreram
na água?

Nas minhas mãos, pai,
há um caminho para o teu nome.

Vê nelas as tuas,
a infância das primeiras lágrimas.

Já não é maio.
O outono escondeu a tua voz
sob um mar de folhas

e olha para mim:
pede-me a rosa
da tua memória.

Nas minhas mãos, pai,
há um domínio de relâmpagos.

O inverno da chuva aproxima-se.
Deita-se na noturna obsessão
dos dias.

Vou pelo mundo até à primavera.

Estarás no jardim
como se não estivesses ausente.
Como se as camélias fossem as mesmas
e o teu olhar
um pássaro matinal.

Nas minhas mãos, pai,
guardarei as tuas.
Até o calor do sol desenhar na água
a forma das sementes.

SETEMBRO

MONÓLOGO COM AS SOMBRAS

Fecha a janela quando setembro amanhece.
Deixa que essas rosas sejam ainda o verão, os passos na
tarde,
o azul mais limpo da tua idade.
Não há fulgor mais branco do que a ternura dessas pétalas,
o mundo que fechaste por trás dos vidros.
Ama para seres livre.

SETEMBRO/1

Setembro senta-se como uma criança
junto ao mar.

Atravessa o outono dos jacarandás
com os pés descalços, a camisa aberta,
a ave do olhar solta pelos campos.

Traz aos ombros o iridescente brilho das marés,
a altivez de cavalos bravos.
Esconde na sombra das camélias a branca respiração
de uma palavra.

CORPO DE SETEMBRO

Setembro senta-se na relva
como uma criança.
Descalça as sandálias,
despe a camisa,
enterra as mãos na inocência
da manhã.
Mas logo cresce.
O seu corpo cintila
como o homem
que ceifa contra o sol
o trigo mais alto
dos seus versos.
Pelo entardecer
é o olhar duma gaivota
perdido no céu grande
do sul.

ILHA

ILHA

No espelho da água
a sombra duma gaivota.

Leva para longe
os sonhos do vento.

Para trás fica
o cheiro dos araçás em setembro.

Ah!, a distância!
Que dor tão próxima!

Levas contigo
o que deixas
sobre a pele nua do mar.

A VIÚVA DA ÁGUA

O sol canta como a chuva de julho
nas folhas de uma palmeira.
Altas nuvens no céu, cintilantes; breves estátuas
de bronze em movimento abraçadas ao vento
do sul.

Sou desta torrente de luz que alcança o esplendor
junto à costa.
A tarde cai com as suas ruínas mais antigas.
As lentas pernas do crepúsculo, entorpecidas e rubras,
arrastam-se pelo horizonte.

Sento-me junto às gaivotas.
Tenho um barco sem viagens nos acordes
da minha guitarra.

Um olhar enevoado constrói o silêncio,
atira-me a pérola
de uma lágrima por trás da janela.
Despe o meu coração.
Sem palavras, esquecida entre grossas cortinas de sombra,
a mulher vê em mim o dia que finda.

Não sou o mensageiro do mar – só trago o rumor
de pulseiras de água.

Como ela, também habito a vazia casa do mundo.

EVOCAÇÃO DA ILHA

Apetece-me o cheiro do pão numa manhã de Ponta Delgada, a voz repentina de um amigo num voo de melro em volta dos meus ombros, a brisa que nasce de um jardim e transforma a memória em setembro.

Passa alguém pelo nome de uma rua e vejo que sou eu ainda de calções pela mão de minha mãe, o Guilherme e o Carlos de boina, escondidos em casacos de lã, os olhos da avó Irene a rirem-se do musgo que trazemos nos sapatos da casa dos tios Veneranda e Guilherme, a Graça, a Marta e o Sérgio no quintal de uma festa enquanto uma borboleta, assustada, poisa no varal da roupa, o som de um piano ao dobrar a esquina e que parece uma mulher a cantar por trás de uma janela húmida.

Começa a chover nesse dia antigo, agora um retrato escondido na sombra das mãos que envelhecem entre as palavras e o primeiro sol de abril.

CALHETA DE NESQUIM

Um besouro adeja enlouquecido com a intrepidez da luz
na longa tarde de agosto.

Perde-se num labirinto de sombras junto à porta.

Não há chave que a abra: fechou-a o passado.

O tempo cresceu.

Cercou-a como um arbusto alto e lânguido,
rente à parede.

Ensombra o capacho.

Não podes entrar.

Quem saiu pela última vez fechou a porta,
abriu o guarda-chuva e subiu devagar as escadas
ao encontro do temporal sem fim da ausência.

Levou a ilha amarrada aos pulsos.

Não podes entrar no passado desse homem.

Mas verás pela janela a máquina de escrever,
calada a um canto da mesa, o vulto do sol
a sentar-se na cadeira vazia, os cambados chinelos
de antigos dias.

O resto da casa tem o rumor de coisas abstratas,
escuras, pobres e impenetráveis.

O solitário cheiro dos eucaliptos
poderá levar-te ao quintal cheio de nuvens.

Aí sentava-se a tribo.

Apagava com passos de dança o fulgor da lua,
os iluminados versos dos bardos
onde cintilava uma folha de laranjeira.

Os cânticos alimentavam o lume
enquanto o tempo avançava no escuro,
trôpego de inebriado,
com uma faca na mão.

JOSÉ NUNO

Parecia uma gaivota que voava de abraço em abraço. No céu dos braços encontrava o poiso que insistentemente procurava. Era um homem acabado de nascer, um menino com cabelos grisalhos e revoltos sob o insistente vento de Santa Maria.

Nessa altura já vivia no mar. Os seus olhos estavam cheios de distância. O seu brilho o entardecer sobre uma casa em ruínas. Trazia telas, cores de instantes e iluminações sagradas, pequenos gestos rente às sombras de quem é homem deitado sobre a água. Parecia triste como uma árvore numa longa e interminável paisagem. A sua alma, porém, estava nas suas mãos, naqueles movimentos de criação em que ele ia descobrindo o infinito da pedra, o drama do riso e a breve alegria da pele recebendo a branca iluminação matinal.

O AMANTE NO LENÇOL

MADRIGAL

Te quiero mi amor
como a mis manos.

Te quiero
como el calor de la tierra,
como el poder del agua.

Te quiero
como el color del cielo
en verano.

Te quiero.

Cuando te quiero, quiero
siempre.

INTIMIDADE

O tempo não existe ainda,
só a janela aberta,
o verão entre as cortinas.
A sede pede outro corpo,
desarruma a noite,
deixa nos lençóis
um veio de sombras.
O amor cresce assim,
no sal da pele,
a língua nos ombros,
nos lóbulos quentes,
nas tuas colinas.
Deflagra um incêndio
nos dedos,
nas unhas o insondável
rumor do lume.
A luz do candeeiro atira
o último crepúsculo
aos teus cabelos.
A cama, barco
onde navegamos
até ao grito
— que esplendor
na água!
Chego à tua boca e partem
as aves.
A noite cai
sobre as pálpebras.
Na tua respiração adormecem,
uma a uma,
todas as palavras.

DANÇA

Procuro no escuro as elevações e o delírio,
mas é a tua voz que me leva
ao fogo.

Atravesso a floresta e o mistério,
o sol mais bravo da noite.

Os teus cabelos ardem
sob a eternidade das minhas mãos.

Uma gaivota grita no silêncio das sombras.

O teu corpo ondula numa viagem
que me leva num barco de água branca,
como se em cada setembro
dos teus murmúrios voltasses
com todas as rosas da madrugada
e uma gota de chuva
em cada unha.

Só no fim dos mais violentos relâmpagos
regresso dos teus olhos
nu e inocente como uma criança.

A CAMA

Em junho, setembro
é ainda uma sombra.
Os dias são claros.
As noites cantam com os grilos
e a escuridão.

Abres a janela.
Tanta poesia:
lua de música, tão branca na matéria
dos sinais acesos na terra;
a impregnação ardente das flores
nos vasos, o mar, tão perto,
deitado no escuro.
Que cama no coração!

Não te deites ainda.

A solidão, inaudível como a água
dos charcos, abana as cortinas.
Vigia os sonhos de olhos abertos.
Daqui a pouco sentirás o cheiro
dos eucaliptos.
Poderás então abrir os lençóis.
Deitar-te.
Dormir devagarinho
como a luz sobre os frutos.

A LUA

A lua entra pela janela,
deita-se ao seu lado
com a nudez duma mulher.
Acaricia-lhe os pés.
Rente aos joelhos os seus lábios
fervem.
A língua
deixa-lhe na pele a memória
de outro corpo.
Na cintura arde a paixão
mais íntima.
Mas o amante, escondido
em si mesmo,
desenha no escuro
a cintilação dum nome.

AS MÃOS

A longa cabeleira do crepúsculo
desce-te as costas com o húmido poder
das chuvas.

Por aí correm as minhas mãos.
Acompanham, inebriadas, colinas,
fronteiras, os vales
do teu corpo.

Voam tordos, cegos de desejo.
Correm potros brancos, indomáveis,
peregrinos.
Solar, a curva
onde dança a ternura sobre a tua pele.

O amor cresce assim:
dedo a dedo,
altas espigas de lume na longa tarde
das mãos.

Nuas,
caladas, abrem sulcos como barcos
na água do teu corpo,
na viagem por ti.

O RETRATO MAIS ANTIGO

Danças.
No rumor da tua saia
poisa
um beija-flor.

PRELÚDIO

Perde-te nas minhas mãos,
que sou tão breve.
Passa pelos meus dedos
como a água pelos tecidos da terra.
Grita entre as pedras dos rios
e sob o contacto da minha pele.
Trago um incêndio de África
e esta agonia de homem a correr.

CARAÍBAS

O REGRESSO DOS MÚSICOS

Descem a rua como pescadores fatigados,
sob o calor húmido de Havana.
As ofegantes aves das palmeiras
evadem-se das suas vozes.
Calcam a noite e o lixo duma cidade
cercada pela morte do tempo.
Pescaram moedas, dólares e euros o dia inteiro
nos curiosos ouvidos dos turistas.
São um grupo de seis vozes,
guitarras contra o peito,
tão escuros como um céu de chuva em África.
Saem à rua todas as manhãs
de imaculadas camisas brancas, calças pretas,
o bravo sol das caraíbas no cabelo,
alheios ao cheiro a rosas húmidas que desenham
entre os seus passos
um breve jardim de música.
Caminham como se dançassem com a silhueta
do mar.
Regressam a casa
pelos labirintos da noite
com a lentidão dos vencidos.
No centro da mesa
a garrafa de rum
adocica a escuridão
sob a ténue luz duma vela.

HISTÓRIA DUM GUERRILHEIRO

1/

O ar à sua volta
é uma floresta de claridade.
Um romance de chuvas doiradas
cresce no horizonte.
Sombra, o cão,
descansa entre os seus pés.

Há muitos anos atrás
Candelário abandonou nos charcos
o brilho da lua
e subiu à montanha.
Das suas mãos saiu fogo e raiva,
o néctar doce das mangas,
o rumor desvairado dos coleópteros
entre o áspero fumo do charuto.

Batista, em Havana,
sentado na sua poltrona de ditador,
não ouvia a metralhadora de Candelário.
Sorria tranquilo enquanto observava no jardim
o breve milagre de uma rosa.
Na sua mão de gelo cintilava
um copo de uísque.
A vida, que diabo,
não passava duma gargalhada
contra uma parede de vidro.
Um jogo, no seu caso,
cheio de trunfos.

Podia dormir descansado.
Os seus amigos americanos
eram tão eficientes, tão leais,
que cuidavam, segundo a segundo,
da integridade dos seus sonhos.

Candelário dormia no chão
sob o bafo quente da floresta.
Sentia nas costas a humidade da noite.
Um menino pobre gritava
nos seus olhos fechados.
Por entre as árvores gotejava
a intensa melancolia da escuridão.
Cada manhã enterrava na terra
as cinzas das estrelas que morriam
aos seus pés.
Passo a passo, tiro a tiro,
chegou a Santa Clara com Che.

Batista, despenteado e sem gravata,
flutuava num barco a caminho do exílio.
Ia rico e sem lágrimas.

2/
Sentado num degrau de pó
Candelário mastiga, com os três dentes
que lhe restam, um pedaço de pão
com açúcar.
Um turista europeu tira-lhe fotografias.
Deixa-lhe três moedas de comiseração
no boné vermelho de pedinte.
Um polícia jovem aproxima-se

e ordena-lhe que se retire.
«Sou parte deste chão, jovem. A minha vida
nasceu da morte. Tenho direito
à minha sombra», responde Candelário.
O cão mexe os ossos do pescoço, as orelhas,
e ergue os olhos
para o dono.
Candelário mastiga em silêncio.
O mundo traz-lhe ao peito
um mar que secou.
O polícia afasta-se.
A ordem das coisas
nunca lhe pareceu tão evidente
como a solidão
dum velho.

**MENINA DA ÁGUA
CANTATA EM B MENOR —
NORDESTE,
S. MIGUEL, AÇORES**

*We live in deeds, not years; in thoughts, not breaths;
In feelings, not in figures on a dial.
We should count time by heart-throbs. He most lives
Who thinks most – feels the noblest – acts the best.*

PHILIP JAMES BAILEY

poeta inglês, 1816-1902

1/

Nas folhas dos jarros ouve-se o silêncio da ilha.
Sente-se a humidade das mãos dos anjos
cortando frutos, o sibilar da primavera
na respiração dos eucaliptos.
Poroso, o ar liberta odor a sonhos passados, insónias,
momentos junto ao fogo.
Por aqui, nesta íngreme enseada de palavras
alcanço o ardor destas terras.
Mas num alvoroço os pombos elevam-se
entre o azul e ravinas crespas, deixam nas rochas
um véu escuro e itinerante.
Amo-os, esguios no seu fulgor cego e solitário,
peregrinos no mistério das partidas, altas sementes
de melancolia.
Ouvirei passos de água
ao meu encontro, guitarras chorosas,
o ardente e talhado rosto de setembro
com o doce néctar das maçãs
— um sino tocará, cansado, no tremor da tarde.
Venho a esta terra no regresso duma saudade.
Trago no amor um jacinto fresco para o nome
duma criança.

Chego às colinas. Entre fundações de luz bebo o descanso e o grito dos mais agrestes choupos do vento. As aves recolhem-se no meu olhar, ondulam em ramos secos e penumbra. Afasto heras de neblina enquanto desço aos moinhos — uma voz nasceu nestas águas. Oiço, distantes, risos que se perderam no crepitar da cal, o milho deulhado sob cânticos, tinir de talheres cortando a fome em pratos de barro.

No orvalho que resvala do silêncio ouve-se o rumor de um vestido de hortênsias roçando os joelhos. «Quando olhava em redor» disse, «sentia nos olhos a sombra de Chopin passear em volta da ribeira, suspenso no monótono cantar de cisnes imaginários. Ou na janela que dava para junho, reparando no que de si mesmo se ausentava».

Sigo pela ramagem despida da nostalgia. Sinto-a perto, cativa dos sons da casa. Nela não havia os decotes voluptuosos das senhoras de salão, seus leques orientais disfarçando gemidos e calores sensuais, a ocasional e fumegante cigarrilha. Mas sei que em suas mãos os poros absorvem os contornos dos móveis esparsos, a imobilidade em suspensão das cortinas de sarja, o cheiro das velas e dos eucaliptos. «Nesse espaço, a música era toda a infância» disse, recomendando o Noturno n.º 1 em b maior de Chopin.

3/

Chego aqui com muito pouco: a sede da terra
nos dedos.

A noite, como um trapo, tomba
nos passos.

Adiante, nas casas de pedra recolhem-se
os ígneos vultos do mar, ensandecidos
pelos acordes das fragas coando os ecos
das criptomérias.

Pescadores do vento, fouçando cansaços,
elevam os braços ao destino.

São, nas escarpas, lenhadores furtivos
fumando longos cigarros de angústias.

Olham as núbeis virgens das ribeiras
como apagados trovadores das sombras,
amarrados ao ignavo arder do corpo.

De tão serenas, deixam cair nos degraus
o cicio e a aura dos segredos, as raras pulseiras
da sua esquecida alegria.

4/

Na casa mais alta o telhado alinha-se contra o horizonte;
ouve-se o agitado arrulhar de pombos
noturnos.

As janelas fecham-se à húmida fosforescência
marinha. Pelas frinchas solta-se uma exalação
a tabaco, tangerina mordida, a estâncias súbitas
de outros tempos.

Um cíclame cresce entre os vidros.

Ocioso vulto.

Lavarei os pés nesses degraus, íntimas feridas.

Fatigado pelo nevoeiro de errâncias,
descanso por fim no regresso inicial.

Resto do mundo.

Dizes: «Eles não sabem que uma ilha começa na nostalgia
de quem arde contra a noite com saudades do mar».
Foi há muitos anos. Nessa altura apontavas as falésias
e dizias, tangida de melancolia: «Vim dali, sabes?»
Era uma casa na memória, ao topo do vento,
janelas abertas às anémons da madrugada.
Corriam lágrimas
sobre as pétalas murchas do silêncio.
Dois pássaros cruzaram o milheiral
fugindo da morte.
Esperavas por algumas palavras
no canto da boca de tua mãe, uma maçã
escondida no avental
— corrias feliz para as primeiras amoras
dos prodígios entre um jardim de ventos.
Quase até ao verão.

6/

A luz desmoronava a neblina, muros
de lava
antiquíssima.

Árida, a manhã crescia entre os álamos
e o casario.

Uma silhueta
atravessava isolados terraços
da nostalgia.

Absorta na transparência da música,
procurava no vento
quatro estações de luz.

Eram muros brancos, as primaveras.
As mãos prendiam-se ao perfume,
perdido respirar da idade.
A voz crescia em volta das hastes,
inebriada força dum ritual
de essências,
os cabelos queimados pela tarde.
Rosa entre primaveras foste, diluvial
canção da terra.

É isso que busco: a aridez felina das maçãs,
os ombros olorosos,
essa idade tão inocente de plantar no vento
amoras brancas
e selvagens.

8/

Sobre esses muros agitam-se as pombas brancas
das tuas palavras;
tão quietas ouvem o mar
entre as nuvens do vento.
Serenas, como foram os teus olhos colhendo
nos cânticos do silêncio a cor do mundo,
ou os sons duma guitarra
numa casa vazia, tão perto agora da idade
com que um homem ama numa mulher
toda a música,
os inaudíveis segredos da terra.

9/

Os caídos muros
dos dias, húmidos, magma escuro do outono.
Esquecidas infâncias.
Folhas de loendros antigos volteiam
sob os passos de quem foi crescendo
contra a distância e o olvido.

O lume que fazia o pão da pobreza
poisou no nome dos que se ausentavam
da ilha, tombados sem cor
no esquecimento,
abandonada rosa
na madrugada da melancolia.

Pedra a pedra a voz duma menina
voa sobre o orvalho dos frutos.

Uma revoada de nuvens brancas
sobre o telhado.
Casa da ilha — pedra e água, vento.
Abrias a janela, vias o mar, os boieiros
conduzindo
os seus animais tristes.
Procuravas na figueira os frutos mordidos
pela lua,
ninhos do verão, rumores incendiados.
Mas eram melros escondidos
nos bolsos dos espantalhos,
um remexer de sombras
no outro lado da luz.
Um cheiro a solidão crescia entre pedras solares
nos longínquos pátios
das marés.

11/

A tua sombra descia a janela
como uma trepadeira
de fascínios,
o mar sempre ao fundo,
azul, branco,
um torpor de terra
na respiração.

12/

A mão treme, measureira,
no teu rosto.
Que ilha descobro nos teus olhos?
Os dedos são os primeiros dias de chuva
contra a janela da tua infância,
a voz cava da terra
perdida no inverno.

Essa ilha
que nunca deixaste morrer na saudade
regressa sempre ao poema:
cheia de margaridas,
uma gaivota poisada
entre as palavras e o branco
rumor do mar.

13/

O ruído duma porta.
Ressoam
passos leves, as garças.

No pó
dançam estrelas breves
da claridade,
céu de utopias.

Ouve-se o silêncio
de gestos sobre o fogo, murmúrios,
um breve cair de lágrimas.

Se falasse
das suas mãos diria
que afagam o adeus
no olhar que fica.

Tão árdua, a luz canta, refulge
entre as heras e o rumor do musgo.
Tocas nela os sulcos
dos primeiros anos do vento,
imperturbável, os cabelos soltos
na sua claridade.
Abre-se uma porta antiga. Entras.
Acordas no silêncio a memória
da tua voz, livre na brancura de sentires.
Que música faz crescer a rosa nos teus gestos,
os passos de água, a gaivota dos olhos?
Por que amas tanto o mistério
de estar assim, calada, ouvindo os dias
que se foram?
Que vestido abandonaste na cadeira
da primavera, que lágrima, momento,
os lábios secos de tantas palavras?

15/

Entravas em casa com ecos
do verão, o odor solar, brusco,
de amoras maduras;
ouviam-se o bater das ondas
contra a tarde.

Nesses dias corrias pela terra
com música subterrânea,
um corredor de sombras frescas
antes do milheiral.

Vês agora na mudez da neblina
a porta cerrada, a ferrugem do esquecimento
na fechadura,
as pegadas das aves do mar
nos degraus, a imóvel,
translúcida serenidade da casa
povoada de ecos,
as borboletas das ribeiras
nas mãos,
ainda molhadas
das últimas chuvas.

16/

Anjos de água
levitam sobre a cor verde
dos olhos, íris molhada
rente ao adeus.

Pelo corpo passa a iridescente
ondulação das ribeiras,
o duro ar da saudade,
essência que deslumbra, fere,
tomba no soalho
como a velhíssima cal
de antigos dias.

Longos, na alma, os invernos da pobreza.
O lume para as noites frias vinha às costas
do rapazinho, a cor do medo no olhar,
pois os gravetos, roubados, pesavam
ainda mais com a escuridão.
Entrava calado como uma pedra enregelada.
Sacudia do casaco roto os restos da tarde, o ladrar
furioso dos cães, a humidade morta das árvores
que em noites de luar fazia brilhar nas suas costas vergadas
estrelas afugentadas de um céu menor.
Mãos urgentes retiravam o molho; pouco depois
reuniam-se diante do fogo,
aconchegados às vozes uns dos outros.
O cheiro do pão escasso ardia com as sombras
e deixava nas paredes inaudíveis ecos.
Então vinhas. Chegavas-te ao teu irmão,
e nos teus olhos enublados mostrava-lhes um templo
secreto. Neles se recolhia – via as fagulhas
arderem quietas, uma revoada de melros.
Nesse jardim de água ele sabia
que o sonho era maior
que as palavras.

Com o olhar se retorna à ilha, dizes.
O silêncio cresce como uma rosa de fascínios
nas mãos abandonadas.
O milho, lembras-te? Nascia
nos cânticos das crianças, pombos marinhos
atravessando todo o azul da ilha.
Era no olhar que as distâncias se revolviavam
como ondas e um cão ladrava
perseguido a fosforescente brancura
da luz.

Os teus vestidos cresciam de ano para ano
como uma trepadeira sobe desesperada uma magnólia
em busca do rumor do vento.
Descalça nas crespas águas dos anos,
ouviás dentro de ti revoadas de pássaros,
lágrimas secando em lenços antigos,
a triste música das pedras erguendo contra o tempo
altos, inumeráveis muros
de lamentações.
Como uma gaivota, soubeste ouvir no sonho
o crepitar melódico das ausências,
a cabeça apoiada
na imaculada túnica dos anjos.

19/

O teu corpo crescia como uma sombra
de milho rente
ao brumoso sol de setembro.

Repousavas a cabeça numa almofada de musgo.
Uma serenidade anelada caía nas fissuras da terra,
eco desamparado.

Mesmo assim cantavas.

Tão perto das conteiras
que a tua voz era só orvalho,
alba desprendendo verdes,
inumeráveis
folhas.

Ardentes,
os lugares emanavam uma outra existência.
Por eles passavas
calcando presságios, sonhos.
O regresso de outras, infindáveis
agitações.

Colhias boninas nas labaredas do vento, gregal
de instâncias brancas.

Eram fragores de púrpura, unhas de orvalho
com que tocavas os instantes.
Eu existia na ausência do teu nome, buscando-te
nos poemas de Neruda como um naufrago,
na branca raiz da claridade,
até construir nas colinas do tempo
uma varanda sobre o mar.

Aí me sentei.
Vi-te crescer nas estações do crepúsculo,
absorta, deixando cair na água
sementes do olhar.

Molhado, o silêncio da ilha
cheirava a hortelã.

21/

Corres entre o rumor do mar
até ao fim da memória.
Tudo parte: os vultos distantes
dos teus mortos,
a tia que enxotava borboletas no retrato,
a primeira carta americana.

Corres pela água arregaçando o vestido
e perguntas
o que é a distância.

Não posso responder ao eco
do meu próprio nome.

22/

As mulheres varrem
com enormes vassouras
de lume
os vestígios onde ardem, brancas,
as sombras
da saudade.

Pergunto pelo inverno adormecido
nas mãos,
quantas linhas de rumor
se entrelaçam nos bordados das viúvas,
sentadas nos degraus de pedra
de encontro à noite
ouvindo o mar, seus dedos
adejando sobre a solidão,
um mundo de agitações.

Sobre a velha mesa de criptoméria
depositam a toalha,
duas
ou três rosas de junho,
o cesto do pão,
os azuis, húmidos olhos
da memória.

Nessa idade às vezes eras a tua mãe.
Juntavas-te às canções das mulheres, agrupadas
em círculos de solidão, debulhando milho.
Observavas nelas o mundo.
Ouvias nas suas vozes longínquas o vento
lavar, com mãos de amor ferido,
todo o verão da terra.
Cresceste nessa melancolia.
Ausentes do seu nome,
deixavam nessas tardes
o fruto duma infância por colher.

25/

Se tocares o basalto sentirás
no sangue um bando
de pombos bravos
atravessar o milheiral.
Fatigados pousarão
nos ombros da tua ausência.

As mãos crespas: folhas latejantes, quentes
ainda da terra, água que nunca tive.

É pouco, bem sei: pobre, trago aos ombros
os sonolentos pombos
do vento.

A febre nostálgica dos líricos
mata as palavras devagar,
sarças ardentes da alma.

Não canto aos deuses da madrugada, estátuas
onde partem as andorinhas e os lamentos.
Falo das origens,
duma pedra abandonada na infância.

Entre as ruínas e o mais branco crepúsculo
o vestido cai aos pés. Depois a sede,
grande, sobe-me as veias.
Sou a sombra da voz que és entre as rosas.

E tu,
nascendo da ilha e dos voos do olhar,
jardim de estações.
Do lume e de ti nunca, nunca se aparta
a primavera.

27/

Não posso dar-te a mão: cheguei tarde
aos anos do trigo.

Nesse tempo dançavas
entre as ruínas da luz.

O luar dava uma volta completa
nos teus olhos,
ajaezado de trilos e cigarras de água.

Tinhas um corpo de rumores,
gaivota minha
e da memória.

28/

Dou-te a mão entre a névoa das harpas.
Danças sobre as estações
arrancando das heras os suspensos
prodígios da luz.
Anjos de pedra escrevem o teu nome
no ar
e na terra.
Regressas à inocência buscando o incêndio
de todos os segredos.

Sobre os teus ombros voam as borboletas
todas de Chopin.
O naufrágio da voz errante.
A ilha que conheço na sede e nos olhos do silêncio.
Regressemos aos trigais suspensos
na memória,
às cantigas ardendo entre as folhas azuis da tarde.
Dois ou três melros
beberão nas tuas mãos o primeiro outono
da água.

30/

Debruçados sobre a cintilação da espuma
ondeavam inúmeros clamores, altas luas
de esquecimento.

«Os grilos não cantam como a água, sabes?»,
disseste.

Nessa fotografia, roída de luz,
o rosto perdia-se na desordem das marés.

Uma distância infinita morava na voz.

31/

A primavera
das romãs
era uma criança.

E colhia hortênsias
na paisagem
do poema.

32/

Se ergueres alpendres nos desertos,
e um jardim de regressos,

todas as gerações do vento
dançarão
na única memória.

Um êxtase cintila entre o halo de março
e os ramos da magnólia.
Agora branca,
levanta-se de manhã como uma mulher
antes de amar:
um espanto de pétalas nos olhos,
um canto de cigarras na boca húmida.
Uma mão secreta deixa um murmúrio surdo
sobre as pétalas.
Cigarras de sombra tombam
com o orvalho.

Os desocultos fascínios do mar.

Quase em ruínas, despenham-se os frutos
duma temerosa agonia.

Dispersos incêndios de silêncio alvoraçam as aves.

Aqui se acha a breve incandescência dos anjos,
tábuas de magma deixadas no adeus
com inscrições de cinza.

As palavras desta terra foram o seu vinho,
imprevisíveis ravinas, erosões, insondáveis esplendores.

Na mesa de basalto, entre o fulgor dum sol antigo,
beberam para sempre a última água do verão.

35/

Setembro, costumavas dizer, vem no voo
de pássaros brancos.

Atravessa a ilha nos olhos das crianças,
deixa-lhes nos cabelos uma coroa
de cintilações,

a cálida leveza dum oloroso fulgor.

E alguém acena de longe
com um lenço de água.

Rente à nostalgia.

As estátuas descem as escarpas,
param
na voz das crianças.
Ouvem-se pelas enseadas,
cantam de mãos dadas
em redor dos eucaliptos.

Trazem nos cabelos
folhas brancas
de silêncio.

Venho aqui em busca
dessa infância.

Uma ilha foi sempre
a minha vida.

37/

Diz,
atirando contra a melancolia
as pedras dos dias:

«Vou descalça na luz da alma que sou.
Nunca durmo. Trago sementes de água
nos olhos e só estou quando amo.»

Levarás para sempre a ilha escondida
no silêncio
da voz.

Só eu a desperto, reconheço e amo.
Nela encontro as tristes garças
de setembro,
o sol dos frutos e a lonjura onde o coração
se consome de ausência.

Como tu,
perco-me na distância
quando cantas.

Branco, ágil e forasteiro o vento dos anos.
Nele o teu rosto foi ardida terra de ressonâncias.
É setembro no traço áspero do silêncio.
Sou desta terra quando me ausento — a dor
imutável, revoltado pó das sombras.
Vejo a memória escurecendo os teus olhos,
um rumor no chão, morta voz da água.
Partes de mim como uma profecia
de corolas secas.
Derramas os cântaros entre palavras.
Uma guitarra corta a noite
no coração.
A ilha
é o primeiro nome de uma mulher.
E nele cresce o rumor dum nardo.

40/

Senta-te neste banco de pedra:
ouve o meu silêncio, lágrima
na relva de abril.

Quando te lembrares de mim
sob o entardecer dum rumor
de palmeiras,
sê uma pomba branca
na sua sombra.

41/

Vivo, passo e nasço a cada instante
e não me demoro:
respiro um tempo que já morreu.
Ardo no destino
da candura, na cor da chuva ou duma sarça
entre o fogo e o abraço inapagável.
Estou de passagem, já disse.

No êxodo dos instantes escrevo
o irreverente sussurrar da poesia,
êxtase fugidio.
Diria melhor, os frutos caíam do outono
sobre olvidadas folhas.
Ouvia-se a respiração das estátuas.
Ninguém via a sombra duma vida tombada
nos pátios da solidão,
conhecia o seu nome, a imobilidade
dos seus olhos quando esquecia
frágeis, íntimos tremores.

Descalço-me frente às últimas palavras.
Junto-as, achas ardentes.
Por elas passam gaivotas famintas.
Oíço um cão roer sons ininteligíveis, distante.
A branca parede da memória aprisiona-me.
Então levanto-me.
Sinto os ossos, como raízes duma árvore extinta,
ligarem-me às sombras.
Entre mim e as palavras há um tinir de espadas.
Esbracejo, vencido pelo fragor mais claro:
uma palmeira tomba contra a tarde do mundo,
rumoreja na minha alma.
«Falem-me de uma mulher, dos seus olhos brancos,
da música solar
e do seu verão quase no fim.»

44/

O tempo ressoa
nas diurnas sementes da terra.

Um azul vespertino enreda
com mantos ardentes
as silhuetas que se afastam.

Abandonam uma guitarra
nestas palavras.
Inexplicáveis desertos.

45/

Escrevo para que oiças um piano.
Mas as palavras ardem mudas
a caminho do verão ouvindo o mar.

Dá às palavras a infância da água, o jardim de pedra
onde o grito se enrola nas lágrimas como a tarde
enobrece o agitado coração das oliveiras.
Nunca a fátua convivência da gravata, o sorriso ilustre
dos faquistas e dos traidores do coração.
O verbo que canta evoca o oiro mais raro.
Não lhes dê uma coroa de sementes mortas.
Os nós do mistério enrolam-se de susto
nos calcinados joelhos da luz.

Hoje sentas-te na cadeira perto do mar
que não tens, quieta e atenta,
vendo como um filho desce
os primeiros degraus da vida,
um rubor súbito no rosto,
coberto pela sombra das abas
do chapéu.

Ouves passos minúsculos
aproximando-se da memória,
um resfolegar de criança temerosa,
já perto das rosas que regaste
ainda há pouco,
pensando como se envelhece
nos espelhos da saudade
aspirando
o odor nostálgico de tantos,
longínquos dias.

Corro as cortinas, fecho
o sol sobre os teus joelhos,
afago-os.

Num sofá de vimes,
rosto sereno,
o vestido branco aberto
como uma nuvem, vejo os teus pés
descalços sobre
os instantes.

Podias ser uma fotografia grega,
deusa descansando um século
entre
os jardins da claridade,
a sombra do meu olhar
sobre as mãos.

Mas dormes.

Toco-te no rosto
com a ponta dos dedos,
levanto águas
nos teus cabelos.

Sussurro-te:
«Quero-te assim,
silhueta a pique
sobre as rosas do silêncio.»

A grande, funda, impenetrável noite.

Caída sobre os funchos, a lua abre sulcos de silêncio
nas folhas.

A água reverdeceu, ano após ano, a virgindade
das folhas.

Tão perto das estações, os potros lançam-se num tropel
de rebeldia.

É neste território de ressonâncias que as guitarras voltam
ao delírio das festas, os corpos dançam ao sabor das tardes
longas, e fulvas borboletas enlouquecem de esquecimento.

Na voz dessa criança nunca a ilha esteve tão perto do mar.

A cama revolta. Nos lençóis a forma, o calor
do corpo, o sol a derramar-se do silêncio
para o tapete indiano.

Na cómoda de mogno
o espelho antigo.

Nele os traços ainda frescos de quem viu ali
o princípio e o fim de outras vozes,
a vertigem e o susto da alma.

Os sapatos a uma canto, a frescura da terra molhada
nas solas, restos do outono, o peso
dum corpo que atravessa margens de fogo
a cada passo.

Uma gata siamesa dorme no tapete,
aquietada na sabedoria,
anónima entre o caos do mundo.
Porque a glória dos humanos rasteja
com o pó,
vã ofuscação.

O quadro na parede mostra uma infância,
o segredo das águas em junho,
diz-se dos seus olhos, tão breves de alegria.
Cobre-os a penumbra, incendeia-os
uma audível melancolia:

fendas, duas notas de piano esvoaçando perdidas
no azul da ilha.

A cadeira parece esperar o seu cansaço noturno,

o peso das coxas, a respiração suspensa
enquanto tira as meias, os dedos
tateando a sombra do pinheiro bravo
no vestido,
o rumor do crepúsculo a esvanecer.

Se olhares a almofada
verás os vestígios dos últimos sonhos,
a brancura da sua bondade, duas lágrimas
que secaram de madrugada
já as rosas se abriam na jarra chinesa
da mesinha de cabeceira.

A COR DO SUL NOS TEUS OLHOS

Porque eu teimo, recuso e não alinho. Sou só.

Não parcialmente, mas rigorosamente.

RUI KNOFLI

ESTAÇÕES BRANCAS

Ando descalço sobre o nome da cidade. Atravesso a rua.

Uma sombra
caminha ao meu encontro. Toca-me e desfaz-se como um
grito.

Vim de África há muitos anos e nunca regresssei à idade da
minha
partida.

Estou num parque, no fim de novembro. O inverno
aproxima-se.

Sou um homem com a memória de um menino. Às vezes
chove na

janela dos anos que correram adiante de mim.

Mas estou aqui, no parque que escurece e com o meu
violino.

As folhas dançam, geladas. O silêncio tem a cor da neve.

Os sinais da minha respiração crescem entre as árvores
adormecidas.

Mesmo fria e húmida a luz canta. Como um cão, beija-me
as mãos.

Vou-me embora lentamente. Levo o teu nome na minha
boca.

FIM DE FESTA

Ardem os sinais do coração.
Eis o pátio, deserto e claro
onde adormeceram as palavras que disseste.
Chegam aos olhos e poisam, ressoantes.
Tudo dói, canta e arde
entre os estorninhos das sílabas.
Voltaste sabendo que há palavras
que nunca morrem como as serpentes.
Puras são, minúsculas conchas
dando à costa da fala
a chama entontecida e fulminante da claridade.
Neste pátio deserto da tua vida
dirás como o velho navegante das estações:
«Dou-me bem com o mundo
na selva do meu silêncio.»

TÃO LONGE O SUL

Os vultos passaram com o tempo
e caíram na distância como frutos maduros.
Os primeiros rios foram morrendo
dentro de ti.
Que há dessa terra nos teus olhos?
Perdeste-te no mapa da idade.
Ninguém te conhece nas casas da memória.

ÁFRICA

Vê como as minhas mãos são tristes sem ti:
dobram-se sobre o meu peito, abandonadas,
frias.

Tiveram sempre a cor da memória, a da água,
e as fronteiras todas da claridade.

Quando as tuas mãos recebiam as minhas,
entrávamos numa inebriante navegação de sentidos.

Eras no entanto uma mãe escondida na penumbra, a quinda
à cabeça,

os pés na poeira da minha inocência.

Eu amava-te como se ama um poema, à imagem
de tudo quanto é belo e trágico.

Oh!, como o lume dos teus braços, tão cheios de terra,
incendiava o inverno das minhas noites mais longas!

Vi o teu corpo envelhecer dentro dos panos, a pele
enrugar-se,

e caíres de melancolia de encontro ao sol
de estranhas madrugadas.

No dia em que me fechaste a porta,
as mangueiras cantavam sob o último voo
dos flamingos.

Não sei em que letargia desaguava o teu amor,
que incompreensíveis venenos alimentavam a tua
indiferença.

Fui-me embora como as aves da tarde.

A sombra da minha voz voava desesperada em volta da tua
janela.

À distância vi-te correres as cortinas.

Enquanto caía o crepúsculo
uma ferida do tamanho do mundo crescia
no meu olhar para sempre.

RETRATO ANTIGO

Passa os dedos pela lombada dos livros. O pó do Tempo
esvoaça,
cobre-lhe as unhas, entra-lhe nos pulmões. O candeeiro da
secretária
aceso. Na parede um nu de Picasso. Tantas palavras, meu
Deus!, pensa,
correndo a polpa dos dedos suavemente pelos volumes na
estante de
mogno. Abre um livro. Com uma lupa começa a contar as
palavras. A noite
vai submergindo a casa sob um denso manto de escuridão.
A madrugada surpreende-o sentado à secretária.
Murmura, reparando
no espelho sobre o tampo. Não vê na sua imagem a
fisionomia de um
deus. Descobre os riscos das dunas mais antigas – o rosto
de um
homem no fim, amando-se a si mesmo com a precariedade
das areias.

MOMENTO

A névoa. Um torpor frio. Fevereiro é assim,
uma estátua no parque, os braços abertos à neve, à chuva e
ao vento.

Sou o cão sem trela que passa, sem pressa, farejando o
mundo.

ENUNCIÇÃO

A chama permeável sobre a terra. Repouso a mão no teu
ombro – vês
o sol? Caminha levemente sobre a relva e leva uma criança.

ANOITECER EM ALEBAG

No sul,
entre os templos mais sombrios,
a noite é um velho
a caminho de casa.
E demora-se.

AS LÁGRIMAS DA ÁGUA

Havia um campo de girassóis na brisa.
Ressoavam cordas sem destino, de guitarra ou de chuva.
A lenha trazia o cheiro do verão, o calor do lume
entre as pedras do quintal. Uma ave cantava para além
da neblina e começavas a ausentar-te nessa música
que só tu ouvias, tossindo com o fumo, as mãos áridas
dos gravetos, dos elementos mais insondáveis da terra.
O corpo era a sombra inclinada de uma voz.
Conheci-te assim, quando cantavas entre o trigo.
A roupa secava nos muros, coisas velhas e tristes.
Depois a flamante energia do crepúsculo
cobriu na paisagem o último dia.
Restam as fotografias, pequenas nuvens
entre os dedos.
De vez em quando vais buscá-las às gavetas
da melancolia.
Um frio glacial recorda-te uma casa
no meio do Tempo. E envelheces.
Corres à janela.
A luz cai
como velhas folhas de cerejeira.
A ilha, sabes agora, cabe numa lágrima.
E o grito numa pedra na mão dessa criança.

ILHA

Deixaste-me partir descalço
sobre as minhas feridas.
Onde estás, companheira de todas as águas?
A noite é uma janela aberta sobre o mar.
Os vasos das gardénias mais sombrias quebram-se
de encontro ao silêncio.
Cavalos de sombra trotaram por entre as árvores,
na tua frente, nas chamas que crepitavam
nas tuas mãos esquivas.
Já não te vejo
nos pingos de chuva que cobrem o para-brisas.
Afasto-me de julho,
do mês em que mais cresceste dentro de mim.
Tens, sei, a natureza das florestas no outono.
E são bravos os teus cabelos como os pinheiros da costa.
Escondo-me agora na minha cama de pedra,
nos meus sonhos de vidro, nos lençóis de luar com que
cubro
os momentos mais fundos sem ti.

SENTADO NA SOMBRA DO SILÊNCIO

Estou aqui, no exato momento da cidade,
enquanto a vertigem da claridade
se recolhe na brisa como um vulto.

A VELHA CIDADE

Os cães mordem as silhuetas noturnas.
Nesta velha cidade, a lua cobre
os telhados com o aceno branco e triste
de um anjo perdido.

O CAMINHO DE REGRESSO

Um restolho de pétalas.
Depois a brisa
e uma pedra a cantar.
Os sinais da memória estão aqui.
Sentes o afago no ombro,
a sombra de outros dias
caminhando
para ti?

AS PALAVRAS

Odeio, com todo o amor, as palavras.

MEDITAÇÃO DE SÁBADO

As palavras cansam. São pesadas como pedras.
Não as amo, não as venero. Como se fossem mãos, estão
aqui sobre os
joelhos. Fazem parte deste corpo. Não penso nelas: são a
voz dos meus
dedos. Mas cansam-me.
Prefiro o mar, esse que não tenho, tropical e morno. E água
de coco
na boca. Uma mulher. Prefiro uma mota, uma
máquina fotográfica e um papagaio de papel na minha rua
de Luanda.
Prefiro um uísque num pátio mexicano, um merengue, um
samba ao
cair da tarde. Prefiro dançar descalço na areia e sob
palmeiras. Prefiro
viver numa jangada nas correntes doces de um rio,
esquecer-me, esquecer.
Prefiro aprender tudo de novo, e com arte: ser a criança a
correr no
coração de um velho.

PERCURSO

Canto devagar rente ao chão, próximo das ervas noturnas.

As minhas
mãos dançam sobre a pele, desenham as linhas secretas de
um corpo no
branco volume do mistério.

Persigo agora as imagens e os espelhos, este todo de
humanidade, caos,

matéria e espírito. Dou a volta ao universo.

Regresso a este momento em que atravesso a rua mais
antiga da minha vida.

CAFÉ

Entram e saem do café rostos tocados pela cor da noite.

Uma mão
poisa no meu ombro com a veemência de uma gaivota. É o

Tempo, esse
túnel por onde se escoam todos os domínios da nossa
fragilidade.

Estou aqui e estarei, sentado na pedra da minha noite num
café barulhento.

Tenho comigo o meu computador e toda a minha vida.

Escrevo rente ao caos. Quero agarrar as palavras, as que
voam de

mim e deixam um ressoo de viagem nos meus dedos.

Estou nesta cidade de encruzilhadas. Penso no cheiro das
goiabas — o

sul era assim. Um odor de alegria, tão breve como um
pingo de água.

Penso num beijo perto do mar porque escrevo. Penso e
sinto os rios de

ser homem. Todos os estranhos do mundo bebem café ao
meu redor

até se afastarem devagar na chuva tropical das minhas
palavras.

AS PALAVRAS CANTAM NO MAR

A casa branca, os passos leves de um gato sobre o muro.

O mar ao fundo. A secretária de pinho velho, as palavras sob o pulso.

O vulto, que és tu, deixando sementes na página.

Findou o dia.

Um relâmpago atinge os símbolos da tua vida.

O crepúsculo sobrevoa os barcos, a funda, inominável noite que se aproxima. Uma guitarra enche-se de vozes e as cigarras cantam entre o estertor de pés descalços.

Cai uma folha das tuas mãos e o muro brilha sob o luar. «És tão mediterrânico nessas palavras, ó filho de África!»,

ouves dizer dentro de ti.

Sim.

Uma casa é o país de um homem; as suas palavras as aves todas da sua história.

Bebes nos mitos os lábios húmidos de uma mulher, o vinho que sangra

de canecas de barro, a cintilante loucura de um corpo sob o chuveiro

entre palmeiras altas e esguias, tanto sol a dançar no pátio que entretanto

escureceu.

Como fugir do mar, ó bardo!, quando as pedras ardem de silêncio?

Como explicas essa orla de lume em cada dedo enquanto
buscas nas
palavras o incêndio do desejo na escuridão da terra?

AS PALAVRAS DAS ÁRVORES

Cresces com fagulhas
entre os meus dedos, entre estas palavras antigas
com que separo os desertos de setembro.
Aos poucos vou adormecendo com as árvores.
Já disse tudo:
as palavras caíram com o outono.
Encosto-me ao muro branco do Tempo.
Anoitece. Enrolo-me como um cão
às raízes escuras do vento.
Ao cântico nómada das mulheres,
anjos de bruma ao longe, indefiníveis
entre os albatrozes da memória.
Raros são os sinais
de chuva.
Vê como atravesso o teu nome:
risco os ponteiros do relógio
com as asas das mais errantes aves do sul.
Amo-te tanto que não te amo: ardes-me.
És um mundo inesgotável no mundo de mim.
Dá-me os teus ombros nus. Deixa-me perder neles
o meu instinto de salteador,
reencontrar o sol das palmeiras, as longas, altas tardes
do mar.

SINOPSE

Uma palavra às vezes chega como um pássaro.

Voa em redor da mão e canta.

Ama-te mais e para sempre

como a luz que arde no mar.

INTROSPEÇÃO

Componho a sombra, os seus fragmentos.
Uma guitarra fere as veias das palavras.
Que arte esta, a do silêncio?
Um lobo uiva rente à fala
e neva no olhar do poema.
Atravesso o inverno, árvores nuas,
vales desérticos e brancos.
Sob nuvens escuras matilhas de tédio
perseguem, vorazes, a claridade.
Que território este, sinuoso e abrupto,
onde o fogo e a água formam um caudal?
Vivo no gume da lâmina
pólen e caos.
Registo a ressonância do pulso
a forma de coisas húmidas,
páginas onde oiço o correr do sangue,
a palpitação da terra.
Observo o mundo
enquanto um cavalo galopa
entre mistério e ausência.

UM CAMINHO PARA O SUL

Corro e canto. Chove nas últimas palavras que voam sobre
os meus

ombros. O seu rasto perde-se entre o cheiro de novembro,
grave e húmido.

Fica a semente. Leva-a contigo.

As palavras são átomos, genes da esplendorosa noite do
coração.

Multiplicam-se na primavera do corpo e ficam, como
estrelas de água,

presas às cores do olhar e do sangue.

Regressam com a respiração da memória, entre o
crepúsculo e os brancos

e rebeldes pombos do sul.

MATINAL

Deixaste cair uma palavra na minha boca,
um fruto de água.

VIGÍLIA

Deito-me sobre um lençol de palavras.

Não adormeço: abraçam-me
as vozes do mundo.

No tapete, a resfolegar como um cavalo após um galope,
os sapatos.

Entre as colinas da noite,
desorientado,
observo no chão as cinzas
do meu dia.

BRAÇOS

Os braços no ar. Por trás do balcão o empregado fazia o impossível.
Uísque, cerveja, cuba libre. Todos a pedir. Passava da meia-noite.
Pequenos grupos dispersos pela sala. Nos vidros, por onde passara
uma gaivota nessa manhã, a escuridão. Esperei
pacientemente por um uísque.
Juntei-me a amigos. Apetecia-me sobretudo ouvir. Falava-se muito e
alto. O copo gelado na mão. O cansaço a subir-me aos olhos.
Gostei da noite, do longo e interminável deserto de palavras.
Até que,
por fim, disse boa noite. A madrugada ladrava-me rente às canelas.
Adormeci com um livro de poemas sobre o peito e a casta sonoridade
do vazio.

AGOSTO

Oiço a música da tarde. Agosto é um mês vazio. O mundo
vai-se
embora para uma felicidade passageira: perde-se nas
praias, entre as
árvores de campismo, e nas altas montanhas em cujos
topos habita
agora uma espécie de levitação alvinitente. Cada um, pois,
a reinventar
a alegria, o descomprometimento. A vida está cheia de
rédeas, compromissos,
obrigações. Há que fugir dessas fronteiras psicológicas.
Estou aqui. Há pássaros nas árvores, a luz é doce e suave
ao fim
do dia. Bebo água e como frutos como no poema de
Odysséas Elytis.
Ando de bicicleta. Leio. Aos poucos, lentamente, vou
descobrir nas
pedras o poder do mistério. Ou seja: a voz, a imensa e
funda voz do silêncio.

PEREGRINATIO

Tenho poucos amigos no verão. Escondo-me num poema
impossível
à procura do mar. Ando pela brisa, de mota ou bicicleta,
a inventar a
minha vida.
Hoje o sol foi uma maçã madura caída na tarde. Quando
voltei, a
esplanada estava vazia. Deixei o capacete e as luvas numa
mesa e fui
buscar um café.
Na mesa ao lado dois homens. Um deles olhava o céu;
o outro, muito
agarrado ao telemóvel, dizia coisas doces a alguém. Tinha
um sorriso
de triunfo, imbecil.
Palavras cor-de-rosa, previsíveis, vazias. Meu Deus!, que
poluição
sonora!
Eu queria apenas um pouco de silêncio, receber a noite nos
meus braços, os
seus fios de luz adormecida e voltar à memória quando
o mar
se aproxima de setembro.

NÃO SEI DIZER QUE TE AMO QUANDO ESTOU TRISTE

Passo afogueado, perdido em geografias estrangeiras. Vou
de calções,
sandálias, e uma velha *T-shirt* com uma frase estranha
estampada no
peito: «The name of all things».
Julho é um mês fugidio. Corre como um galgo sobre
pedras translúcidas
e raras cintilações da alma.
O calor estala numa vibração de claridade. Onde está o
mar? Lembro-me
de uns olhos escuros, de um mel delicioso. Havia uma
costa enorme
e inquebráveis ritmos da memória. Pegadas de sombra.
Lembro-me
que a alegria era uma coisa triste, um pássaro, e eu acabava
devagar a
última cerveja.
Há coisas assim: bocadinhos do mundo, fulgores. E assim
me
retrato, dançando entre vírgulas.

O SILÊNCIO

Sinto a melancolia de Deus passar com a brisa.

O NOME

Perseguiu-me os sentidos. Voava. Sentia o rumor das suas
asas,

a vertigem do colibri.

No sono, no chuveiro, nas imensas escadas da madrugada.

O voo. Um

trajeto de luz entre trevas. Pensei num barco, como se
dança na água.

Pensei nos espelhos da tua voz.

Que imagens refletiam do mundo.

NA FLORESTA, QUEM DIRIA!

Regresso ao turvo panteão da alegria. Trago uma guitarra,
um
cobertor para a minha pele de sáurio e o meu
espírito de ave. O luar é um círculo de tempestades entre
os ramos que
me cobrem.
Não procures por mim nesta floresta. Há um lince à minha
porta e dois
cães de fila. Os meus inimigos protegem-me contra o
imponderável.
Canto entre árvores altas, calor e lendas. Canto e afogo-me
em recordações.
Podia contar-te uma história de sangue e aventuras. Ou
apertar-te
contra mim, dar-te os frutos das mais belas palavras. Mas
quem se
aventura com um forasteiro, distante e irascível, cansado
de um mundo
sem coração?
Parti, amiga, com o sol da manhã. Pensa na oculta
peregrinação
do poema, no homem que encontras encostado a uma
palmeira
na tarde mais alta dos dias.
Sou o labirinto e a obstinação da pedra. Não tenho quadros
na parede nem cadeiras vazias. Vivo entre o sortilégio da
água e o
splendor da águia.
Mas hoje regresso aos teus olhos para adormecer
contigo.
Boa noite.

AMANHECER

Leio devagar os sinais da primeira luz.
Passa como um vulto pelo jardim. Distraída,
o seu esplendor intimida de tão bela.
Debruça-se sobre a relva e beija-a
com o cantar dum pássaro.
Há manhãs assim, limpas, puras,
como o olhar duma criança.

MANHÃ NA ILHA

Assim — um potro branco, a manhã a crescer,
um azul breve por cima.

Estava na ilha e toda a beleza era possível.

Amei em silêncio os labirintos duma sombra.

FRAGOR

As marcas da sombra:
a trança solta ao sol de fevereiro,
uma mão cheia de vento sobre o teu ombro,
e o cão do crepúsculo a correr adiante de nós.
Como um destino,
leva as últimas palavras
antes da noite.

HOMEM A FUGIR DO POEMA

Sou homem e uma pedra a arder.
Não me levem para a cidade.
Sou daqui,
deste tempo emprestado.

RENTE AO CREPÚSCULO

Abre os braços e acolhe os rios
do meu corpo.
Ondula comigo entre as tempestades brancas
dos lençóis,
atravessando a noite, o dia,
o fulgor de irremediáveis marés.
O amor é uma viagem sem bússola.
Perde-te comigo no horizonte
desse mar.

NOITE

À noite as horas adormecem no relógio. Rodeado de livros
e silêncio,
o zumbido do computador gravita sob a febril luz do
candeeiro.

A noite — que labirinto de ruas acesas de escuridão!
Estou sem respostas.

Acudam-me:

viajo com abutres pelo calendário do meu deserto.

TRABALHO NO JARDIM

Juntei à terra o rumor das mãos.
Entre as plantas o cão farejou o peso duma voz.
A memória?
Veio o sol. Depois a noite.

Antes de fechar a porta,
olhei o jardim.
Tudo adormecido.
«Não sei com que cor posso desenhar
o teu rosto no escuro», pensei,
regressando devagar à minha vida.

TÃO POUCO

Por entre os dedos passam os ventos do mar.

Fecho-os e recolho areia.

Levanto as mãos e o peso da noite.

Tenho tão pouco: um coração de água
rente ao luar.

Como levar-te ao itinerário das garças,
ao imenso sul do horizonte?

Vês?

Tenho nas mãos templos de areia.

Descalço e solto, canto com a terra.

MEMÓRIA

Uma mochila, o sol branco, imenso da manhã.

Um livro aberto sobre os joelhos.

Um sumo de goiaba.

Dois pelicanos cruzam a baía.

Para quê a memória?

Trago-a para que estejas

sempre comigo.

QUADRO

Aproximo-me tanto que não me sentes.
O vestido branco esquecido na cadeira do outono,
o ruído dos carros na rua.
Passo sob a luz dos teus olhos,
tão longe,
a gabardina molhada, tu à janela do amor,
tão longe,
um gato a dormir no teu colo,
a sombra
das minhas mãos entre as tuas,
acariciando-te.

ERRÂNCIAS

México ou aquela praia ardente da Costa Rica onde vi
chorar, junto à
água do mar, o cão mais triste do mundo?
Não sei.
Faço literatura com a minha própria vida.
Invento em cada passo
um país de ressonâncias e afetos.
Estou sempre de partida.

MOMENTO

A trança, escura, batia-lhe nas costas. O cachecol
atravessava os ombros,
voava como o sol alto. Corria.
A luz prendeu-se à sua mão como uma criança perdida.
Subiram a escadaria, juntas,
os pinheiros ao fundo, a alvinitente relevância
de fevereiro num pequeno país do sul.
Numa terra assim, de pedras, vento e sol,
uma mulher é toda a música da
água.

PEQUENO ROMANCE DE ABRIL

Pego na palavra amor
e dou-lhe o teu nome.
Fico com ele nas mãos:
é um barco ou uma maçã?
Se for um barco quero viajar nele
pelo mar dos teus olhos.
Com a maçã levo comigo
o sabor da tua boca.

A FALA DO ROMÂNTICO

A cama, mar branco de nuvens.
Deixa-me crescer nos teus braços,
chegar ao horizonte de setembro
nos teus cabelos,
noite diluvial
de ventos e gritos.
Os teus frutos, esse peito verde
das maçãs,
caindo, maduros,
na sede das mãos.
Que dizer?
Tudo dói.
Até os secretos horizontes
da alegria.

UMA PALAVRA SOBRE A TARDE

Começas a dobrar os calções, a *T-shirt*.
As sandálias guardam,
como um cão, as sombras.
A água jorra da fonte e o clarão da manhã cai
sobre as cadeiras da varanda.
Os frutos, na relva húmida, são as dispersas maçãs
dos teus gestos.
Os barcos ainda não partiram.
Nem o oiro dos teus cabelos se agita
com a brisa triste de setembro.
Há ainda uma guitarra e uma festa
quando cantas.
O sol, essa lâmina agora cega,
rasga-te as vestes,
o linho e a seda da loucura.
Partir é um regresso
à noite outonal,
ao cair lento das folhas,
ao olhar que se dobra
com o alto trigo da tarde
até ao imenso crepúsculo
das últimas palavras.

RENTE À PELE

A sombra da lua gravita no lençol.
Deita-te comigo nesta cama onde desnudo
a claridade.
Incendeia em mim o mistério e a leveza dos montes.
Deixa-me beber na tua pele os gritos e a terra da água.
Sangram lentas as sílabas: há um incêndio
na floresta
dos sentidos.
Respira como a faca que rasga o mais fino tecido,
a prumo, golpe a golpe,
despertando o animal bravio,
o caos infinito do instinto.
Na viagem sem fronteiras do amor
beijo o teu nome,
letra a letra.

POEMA DO LITORAL

São areia, brancos e leves,
os teus pés miúdos.
Que rumor deixam?
Vens ainda de setembro, descalça,
o verão quase no fim.
Sobre ti cai
a inocente luz das palmeiras.
Gota a gota bebes
todo o oiro da tarde.
Que me dizes agora,
tão perto os meus olhos,
a nuvem branca que atravessa
o céu e a memória?
A minha voz corre ao teu encontro
— nunca voou assim, tão alta
sobre o mundo.

MONÓLOGO COM O DESEJO

Esconde as mãos por trás
da chuva, curva os braços.
Abrem-se os últimos botões
da blusa: o verão começa aí.
As canas-da-índia escondem
os murmúrios, setembro
corre entre os teus braços.
Afundo-me na terra do teu corpo
e apertas-me
entre as dunas e as árvores
até sermos a única maré
sobre o branco do lençol.

CONHECE NAS MINHAS MÃOS

Vem, conhece nas minhas mãos
o fim do inverno.

Amo-te.

Digo-o vencendo no chão

que ficou de ti

os lobos

da aridez

mais sombria.

MUSICAL

Ouvias uma sonata nos dedos com que me amavas.
Estendido sobre a luz ciciada da tua voz,
as minhas pernas, enroladas nas tuas como raízes de
palmeira,
levavam-te num passeio pelo jardim da pele.
E de lumes florescia.
Não era num lençol de linho onde o momento do amor
se cumpria, pintando de cal as paredes do júbilo,
mas os cabelos húmidos sob as costas nuas,
o ondear de um rio.
O corpo, navegante, viajava enlouquecido
num ritual de águas.

O RUMOR DAS TUAS MARGENS

Persigo a tua voz, o fruto maduro
do verão.
É noite.
A lua desperta no cais, deita-se
na varanda.
Que música corre os teus cabelos
como se fosse as minhas mãos?
Olho a fotografia.
Cantas
com a água que bate nas margens noturnas,
mas não te oiço.
Sei que estás aí entre o reflexo das palavras
e o nascer da primeira rosa.
Há uma viagem imensa no silêncio.
Um jardim.
Aí me sento.
As folhas das palmeiras
dançam como se estivesses aqui.
Levaste setembro contigo,
o mundo inteiro.
Os teus pés são agora uma trovoada
de sinais
na imagem que resta.
Imagino o mar.
Assim escuto o rumor
do teu corpo
entre as casas brancas do litoral.

AMOR

Um verão de chamas cresce
enquanto ofereces o mar
nas tuas mãos abertas.
Entre os dedos nadam os ventos do sul;
às vezes um rapazinho
canta entre eles
e atira pétalas aos teus olhos.
É a parte de mim que não cresceu.
Queria deixar sobre o teu vestido o rumor
do primeiro voo de um flamingo,
o que sou ao pé de ti:
marinheiro de terra enlouquecida,
potro de água a galope no esplendor
da pele.
Já não posso regressar ao outono:
perdi as minhas sandálias quando corria
nas dunas do teu nome.
A tua claridade cega-me
e um barco é azul
nas ondas destas sílabas.

TATO

Deixa-me escrever-te com fogo e orvalho.
Tudo em mim é um incêndio rente ao mar.
Como se regressa de um grito no vazio?

MADRIGAL RENTE À PRIMAVERA

Começo a ouvir o teu nome com o cantar das aves.
Chove na música das primeiras sílabas
e uma abelha voa entre o rumor dos teus cabelos.
Vens de muito longe, do momento em que uma pétala
se abriu sobre o esplendor do mundo.
Tão pura a água que corre entre o silêncio
e o deserto onde a manhã se enche de gritos!
Começo a ouvir-te como se numa terra em chamas
os meus passos fossem as ervas que um dia pisaste,
enquanto dançavas de braços abertos
à minha solidão.

FIM DO DIA

Recordar-te.

Não sei de que ilha da memória olhas o mar.

Os cafés agitam-se a esta hora, entram e saem os vultos da cidade.

Estou aqui e penso. Volto páginas do livro que leio, bebo café, oiço um samba.

De repente apareces com a tua voz rouca. Fecho os olhos.

É dentro de mim que ainda te vejo. É sempre verão: sinto o fulgor das palmeiras nas tuas mãos.

Levo-as à boca.

O sol calmo e macio

de setembro corre-te a pele,

deixa-te

entre os dedos quatro sílabas

e um trilho no deserto dos dias.

ROSAS

Levanto-te os cabelos e as nuvens de junho passam pelos
teus ombros.

Os meus dedos crescem então nas tuas costas, devagar,
com a música

das borboletas. É na sombra do teu corpo que planto as
rosas brancas

da minha alegria.

PROXIMIDADE

Aproximo-me devagar. Sinto-te respirar,
a boca tão próxima, a terra.
A minha vida toda neste momento, no meu corpo.
A luz do candeeiro
desnuda-me. A tua boca tão perto!
Um oceano, o rosto a virar-se,
a fugir. Afogo-me dentro de mim.
Um homem também morre na música
que se fecha na boca de uma mulher.

A MESA

A toalha branca, os talheres e um samba.

Não sei quem canta: se a palmeira

ou aquela voz que se arrasta

com a chuva tropical.

No restaurante,

bebo vinho e danço

com a noite.

Sobre a mesa, de repente,

a sombra do meu rosto

em busca do teu.

MELANCOLIA

Como se morre diante de uma palavra?
Passaram tantas
pelos meus dedos — cardumes, nuvens,
revoada de pombos. Areia.
Já foram os calções e as sandálias
da minha infância.
Eu sei: trago-te hoje tão
pouco!
Há uma impenetrável neblina
a cobrir o poema
nesta fulgurante tarde de oiro.
Mas às vezes tropeço numa palavra
frágil e cansada entre outras palavras.
Cega, surda,
cala-se como uma pedra.

BREVE MOMENTO COM O VERÃO POR CIMA

Sobe as escadas lentamente. Junho está perto das árvores
– palmeiras
altas, a brisa a despenteá-las, o teu olhar. O sol derrama
toda a água
da tarde sobre a tua pele. Lembras-te do nome do mar
quando ias à
janela? «O cheiro do limão cresce entre os teus dedos com
a imensa
infância dos frutos», disseste uma vez. Havia muita poesia
na tua voz.
Acreditei nessa mentira porque era do fogo que me falavas,
do incêndio
rente à perdição e à loucura. A vida é uma história
escondida
no teu corpo, nos teus lábios húmidos onde o crepúsculo
solta as suas
aves mais ardentes. Dá-me a tua mão. Vamos pelos
caminhos da terra
seguindo os flamingos e aquele pedaço de céu que um dia
descobriste
adormecido rente ao silêncio.

VERÃO

Encho as mãos com a terra
por onde passaste.
Guardo nela os teus passos.
O rumor do mar
e do verão que levavas nos pés
como um barco.

VOO

Voo sobre ti.
As asas das minhas mãos
deixam na tua pele a sombra
da minha sede.

NEBLINA

Os templos eram brancos.
As pombas recolhiam-se
nas altas colunas
com o último sol da tarde.
Vi alguém ajoelhar-se
perante a água de uns belos olhos.
Penso que era Ovídio, talvez
não. Cantava
enlouquecido pelo seu esplendor.
Foi há muitos anos.
Sou desse tempo.
Sobrevivo
entre as pedras desses versos.

DO AMOR

Só no amor podemos caminhar sobre o mar.

UTOPIA

Tornar num jardim a sombra das coisas mais sublimes.

APÓS

Muito grande a doçura da noite sobre a pele.

SONATA A CAMINHO DO VERÃO

Beijo-te na memória de estar aí,
entre os eucaliptos dos teus braços.
O tempo nesse dia parecia uma pedra
no meio do universo.
A manhã voava alta
com as aves da costa.
Beijo-te devagar.
A tua boca é a palavra
onde te espero.

**NOS CAMPOS ONDE MORAM OS VENTOS
DOS TEUS OLHOS**

Diz-me que me amas como uma pétala que cai,
que foste a palmeira branca de todas as coisas impossíveis,
a claridade que atravessa o mais longo oceano do outono,
onde me vês, escondido entre palavras mudas,
esgravatando a música de insondáveis rumores,
e que apesar de tudo me encontras como sou, descalço
entre pombas e magnólias, o mar e o verão do teu nome a
crescerem
na minha boca como uma rosa,
cintilante e cheia de poesia.

DEPOIS DE TI

Mordo na tua boca as últimas palavras,
a maçã e a água das tuas sílabas.
A imensa cidade do destino está por trás de ti.
Vejo como chove de repente nos teus olhos;
é como se o verão se aproximasse do fim.
Tão escuro o sol.
A alegria faz-se noite
e vais-te embora.
Um beijo é o deserto onde me perco,
cego mais uma vez,
e para sempre.
Quanto pesa o silêncio
depois de ti?
Quantos calendários incendiados
no fragor da melancolia?
Apago-me devagar
nos labirintos do teu nome.
O que é isto se não a memória
a correr como uma criança?

SINAIS

Varre os sinais da lua
que te correm a face.
Aproxima-te.
O mar chama-te deste lado
onde me deito.
Por que porta entraste nas minhas palavras?
Em que exílio me confundes?
Não sou daqui, como te disse.
Fugi há muitos anos do meu nome.
Reparte comigo o pão dos antigos,
a cama de um poema longo.
E este vento, oh!, este vento
que sangra como um murmúrio
sobre a madrugada
de eucaliptos brancos.

JUNTO AO MAR QUE ANOITECE

Durmo com as palavras que mais sinto.
Como a um poema,
assim te amo:
encostado ao mais alto trigo
da água.

VERÃO

Solta as tranças.
Deixa que uma chuva
de luz dance nas tuas costas,
a cor dos frutos do sul.
Canta entre os passos das gaivotas
e sobre o branco feliz
da tarde.
Regressa
nesse quadro de água
e esplendor.
O rumor das palmeiras
é um deus de silêncio.
Espera por ti
no alto mar
do verão.

AS CORES DOS TEUS OLHOS

Água azul, de nuvem e verão,
os teus olhos.
Dois potros nas colinas, castanhos
contra a casa branca,
os teus olhos.
Duas estrelas que rasgam
a noite escura,
os teus olhos.
Verde das maçãs num ramo
de lágrimas,
os teus olhos.
O mar de abril, um barco
e uma gaivota,
os teus olhos.
O diamante e a safira
entre o luar e o amor,
os teus olhos.
Dois colibris cor de mel
sobre a flor do desejo,
os teus olhos.
Ah!, os teus olhos
que cantam as cores
do mundo!
Sendo teus são de ninguém
quem os vir
longe dos meus.

VIAGEM INTERIOR

Senta-te ao meu lado. Ouves?
Navego, com a voz, as tuas veias.
Percorro o teu corpo por dentro,
chego ao coração.
Sempre te conheci aí.
Acabavas de aparecer.
Eu não tinha uma história para contar.
Nem sequer uma conta no banco.
Vivia em absoluta conformidade com os frutos.
Observava o mar antes de o crepúsculo cair
nas areias quentes da minha juventude.
Admirava Che Guevara, mas identificava-me com Cristo.
África não era ainda uma fotografia na estante,
nem os meus pés de caminhante
este incontrolável afluente de águas.
Eu amava o mundo inteiro.
Quando apareceste,
chovia no horizonte das minhas palavras,
pequenas e indefesas raízes de aloandro
que escondia entre os lábios como asas doentes.
Ficaste nessa imagem como uma estátua,
protegendo-me sob o teu guarda-chuva
destes anos em que o corpo envelhece
e as sílabas, maduras como maçãs,
caem fatigadas sobre a memória.

VERTIGEM

Voa sobre os rumores do universo
a mão ardente de um homem nu
e a sua sombra.

DE SETEMBRO

Por ti escrevo o desenho do sol sobre as macieiras,
o destino da minha sombra na terra.

Estás longe, no fulminante calendário
das emoções.

As folhas que pisaste no último outono
ardem agora, rutilantes e húmidas,
na tarde vazia.

Vejo-te a cantar na memória
como no primeiro dia,
os dedos tão cegos como frutos.

Sabes?

O odor dos eucaliptos
é setembro a beijar
a cor dos teus olhos.

CANÇÃO

Talvez te encontre um dia rente a muros poluídos. Ou na
breve sombra
do verão numa outra cidade. Sorveremos, quem sabe, as
últimas palavras
diante de um sumo de maracujá. Os anos que se foram
parecerão
as ruínas amarelas de um calendário inescrutável. Sei que
te amarei
como a um livro de poemas, folha a folha, como à alegria
de um dia tão
branco como o desejo.
Que imagem colherei de ti além do rumor do pássaro que
és num ramo
de magnólia, momento a momento, nos desertos mais
íntimos e noturnos?
Valerá, eu sei, a tua voz nas minhas mãos. Os teus cabelos.
O breve momento
em que se aprende o amor até tudo partir com o vento.

RETRATO SOBRE A CÔMODA

Caem os últimos frutos.
A praia estende-se para além da noite
e o vento esconde os passos dos amantes.
Afinas a harpa. Os dedos correm a música.
É branco o teu vestido de algodão.
Os teus cabelos caem
sobre os ombros,
molhados pela chuva de uma sonata.
Não me vês nesta praça de mil estações,
perdido no meio dos pombos.
Atravesso a tarde no imenso deserto das ruas
à procura dessa música.
Quem vê cair das tuas mãos as pétalas
dos mais secretos jardins?

SENTIMENTO DE CHUVA

Os flamingos partiram numa revoada.
O sul era tão grande dentro de ti!
Depois o tempo cresceu como um arbusto maligno.
Os jardins envelheceram
e os gestos murcharam.
A voz inebriada das guitarras, a festa das rosas,
a resina de velhos ritos, tudo agora
rente a um choro de cigarras.

DOMINGO

Domingo é a noite mais triste. As árvores afogam-se no
escuro,
os vultos da rua. O silêncio parece um deserto. Leio poesia
e sento-me
nas margens dos rios à tua espera. Conta-me a tua história.
Na tua voz
repetem-se os segredos da terra, o fulgor da lua. Quero
ouvir-te porque
trazes o mar contigo.
Domingo é um calendário de submissões. Escuto o ressoar
de cada
página, as asas do pássaro aflito, a vertigem do itinerário
que é a vida,
palmo a palmo, entre as horas fundas da noite triste — o
domingo a
escurecer de melancolia.

MOMENTO

Uma tarde como a doçura
dumas mãos sobre o ventre.
Como um jardim de sombras algures na distância.
O eco de uma guitarra desce aos pastos,
aos pomares do sul.
Como se ama uma mulher junto aos rios
da nostalgia?
Como se dorme nos seus olhos?

SENTIR

Dá-me a tua mão: o nosso destino é a terra.

HARMONIA

Se vires o outono
no teu jardim,
fecha os olhos.

Vê no espelho interior o filme
da tua vida, as ardentes ressonâncias
da paisagem onde apareces
ao lado da tua sombra.

Vê como cantam ainda as aves de todas as águas
sobre o céu e a terra das tuas mãos abertas.
Algumas coisas amam-nos para além de nós.

ESCUREÇO

Escureço contigo
sobre os instantes,
entre a palha e o oiro do entardecer.
Os campos ardem. Os pássaros
atravessam os teus olhos até ao mar.
Em que deserto me encontras,
afogado em ti?

MADRIGAL

Encontrei a tua voz numa gota de orvalho.
Olhei: os ramos da camélia mexiam
com o vento. Eras tu a dançar.
Então o orvalho resvalou da folha,
caiu na minha mão
e começou a cantar
entre os meus dedos.

CASI CIELO

Bebo o último sol da tua boca.
As cadeiras estão vazias.
Oíço um murmúrio de guitarra.
Um bravo cavalo de água
galopa sobre o mar.
Os teus ombros ardiam, lembro-me. O vento.
O vestido era branco, as sandálias duas sombras
de palmeira.
Não tinhas um nome para recolher os meus rios,
e a nostalgia olhava-me como um cão.
Um dia todos nós partimos.
Mas eu regresso sempre a este cais,
palavra a palavra,
buscando-te.

MÚSICA

O traço de um violino
perde-se na esquina
como um vulto na neblina.

OH, QUANTE LAGRIME PER TE VERSAI*

A janela da sala dava para o outono.
Sentado ao piano, ouvia os dedos,
uma melancolia de água sob as unhas.
Em quantos adágios se perdia
enquanto pensava numa mulher?
As cortinas moviam-se entre as sombras
e o seu olhar.
O gato dormia, enroscado
numa espessa teia de silêncio.
A casa pesava-lhe como um túmulo.
No quintal, a luz da manhã,
fria ainda da névoa, varria as camélias.
Sobre as pernas repousava a lã
de uma manta vermelha.
Enregelava-o o frio da própria vida.
Chopin olhou o teclado.
Sentiu nos dedos a voz de Konstancja.
Uma substância sem medida, luminosa,
assombrou-o.
Começou a tocar.
Em cada tecla atravessou
os fluidos templos da paixão.
Dentro de si começaram a cair
as folhas das árvores, as chuvas e os ventos,
a sofreguidão estonteante do sol.
Os seus dedos correram a volúpia

* De uma ária de Rossini. [N. do A.]

de pétalas destruídas pelo fragor da carne,
as estações de Varsóvia,
o olhar fulminante do destino.
O outono molhava a janela.
Suspensas, as mãos de Chopin
acabaram por se afundar no branco
deserto da música.

TANGO NOS PÁTIOS DO SUL

A TARDE

A tarde morre
em abril,
nas súbitas marés dos adivinhos.

De longe observas um súbito ritual
de sombras:
pedras negras, muros floridos
pelo rocío do mar,
a velhice sentada
ao fim do dia
junto ao ressoar das palmeiras.

Românticos pastores de nuvens
espalham incêndios
nas margens da euforia.

Levas no olhar tudo isso.
E o branco poder da água.

ANTES DO TEMPO

Amavas a secreta inutilidade do silêncio,
o sol, esse cavalo solto
em delirante galope
entre as palmeiras.

Levantavas as persianas,
um ardor branco tateava e ardia,
tão leve e fascinado
era o olhar.

Os mamoeiros cheios no quintal,
tua mãe cortando o ar
num macio gesto de água
e fascinação.

Cintilante, a inviolável clemência
dos anjos contemplava-te à distância,
frémito solar que fluía ardente,

tão frágil e estrangeiro
era ainda o tempo.

CAMINHAS NOS CÂNTICOS DO SUL

Um odor a lâminas fere, junto às palmeiras,
a última dança solar.

Estrangeiro, despes-te
no olhar das mulheres junto ao rio.

As recordações: mármore e pó.

Em breve cobrir-te-ão os claros mantos
do luar.

No crepitar do fogo a ardência
do coração.

Deitado no horizonte, entre as colunas noturnas,
ouvirás uma guitarra cobrir de sonhos
o eco da terra, o tombar
dum vazio.

TANGO

Chegam do poente ébrias dançarinas.
Uivam os cães nas pradarias da morte
e os pirilampos iluminam a água
nos ombros da noite.
Nunca hás de sair desse labirinto
onde se agitam as mulembas e o fogo,
se escava no sonho a semente da fraternidade,
os cavalos do verbo em galope desenfreado,
tango do adeus
consumindo-te os dedos.

ALBA

Despe-se a alba sobre o ardor do limão.
As esmeraldas solares resvalam nas paredes,
no capim; ouvem-se
na serenidade dos pássaros.

No quintal, lavas a cara na bacia de esmalte,
o cabelo,
as mudas palavras do coração.

Pouco tempo te sobra: o rio canta.

Os sons de África são toda a tua infância,
ou quase.
Há uma ilha na voz da tua mãe e chama-te
para nela ouvires o mar.

AS MULHERES

Iam descalças pelos caminhos do sul,
filhos às costas, outros pela mão.
Passavam como arbustos sem vida,
secos pelo melancólico crepúsculo dos dias.
Cumprimentavam com a delicadeza dum poema,
raiadadas de luz, braços pendidos,
pesados ramos de sofrimento.
A sua tristeza levitava com a poeira
da picada, atravessava uma fronteira de chuva
na ausência que deixavam.

VOZ

Na sombra da tua voz os anjos
cantavam.

Chovia por vezes em setembro.

Eram alvas as manhãs e prodigiosos
os rumores.

Na tua voz nada mais havia,
mas um rio.

NOS DIAS

Nos dias, que são as janelas
abertas às andorinhas,
crescem as sebes e nelas roseiras
de água brava.

Regressas todos os anos
a estas fendas,
à cal roída dos nomes
e das paredes,
à inocência do rio,
tão perto.

Tremem-te nas mãos as raízes
da memória.

Quebram-se os espelhos
onde vias as ardentes passagens
dos sinais.

Enquanto deixas na cadeira a roupa
do teu cansaço,
passa a silhueta do teu pai na solidão
com que curvas às sílabas
os mais antigos frutos do sul.

O ESCRITOR

Observa as nuvens. Nelas uma interminável utopia.
Escreve no pátio sentado numa cadeira de verga.
O pincel solar traça um declive na pele da água,
o mar que cerca a ilha num esplendor azul.
Do pequeno rádio na mesa brune uma nostalgia de Rossini.
Atravessa rosas muito rubras junto aos muros de pedra,
as laranjas abandonadas nos ramos
de quem partiu.
A brisa sacode as cortinas nas janelas abertas.
Mergulha na casa, ressoando.
Enquanto escreve ouve uma voz do fundo
das coisas – vem da terra, do ar,
de errantes aves sem regresso.
Suspende o gesto.
Quem escreve desenterra fantasmas,
ou toca uma guitarra entre a euforia de campos brancos.
Palavras, despídos galhos do lume.
Fecha os cadernos.

Deitado numa rede entre duas palmeiras,
deixa cair a mão que escreve.
O cão velho da melancolia lambe-lhe os dedos.

REGRESSAS ÀS SALINAS OLHANDO A MEMÓRIA NO RETRATO

Vês o triciclo da tua infância
abandonado sobre as árduas folhas
do sol, nas sandálias
os sulcos do esquecimento, o couro velho,
o ardor das palmeiras descer
pela roupa ainda húmida no varal,
o suplicante estrídulo
das rolas no telhado de colmo.

Há nas janelas da casa de adobe
o cheiro do laranjal,
a primeira imagem
da saudade:
tua mãe espreitando o rio, buscando-te
entre vultos agachados na solidão,
no silêncio da tarde do sul,
tão branco de água e nostalgia.

SÓ O DESAMOR É FÚTIL

A toalha rendada sobre a mesa.
Tua avó,
vendo-vos da ausência lançava os dedos ao amor:
em cada ponto engendrava instantes,
sentada nos serões da ilha à luz duma vela,
a mais branca pátria do coração.

Cansada, deitava-se após as gaivotas.
Há muito se haviam recolhido as pombas
da Matriz e a morrinha
caía do silêncio
molhando o basalto noturno.
Entre os arcos da cidade
o mar levava pela noite fora
o rumor do Tempo, uma saudade
de água viajando sobre o escuro.

Na casa do sul, enquanto crescias,
tua avó, com infinita paciência,
fazia toalhas de muito longe,
imaginando-te a colocar os suspensórios,
a pentear o cabelo,
a dizer «avó» num grito da janela,
a alegria que trazias da rua
incólume aos desígnios da penumbra.

TERESA

Teresa tinha no ventre a dor
da terra estéril.
Era nova contudo esquecida
na melancolia de suster no corpo
semente seca
e na boca
o frio de palavras mortas.

Vinha todos os dias da libata moer milho.
Escachava as pernas, apertava o pilão
com os pés
e batia com a fúria de um ciclone.
Ao lado, as tangerineiras cresciam
todos os anos vestindo-a de sombras.

Um corpo assim de cinza
confundia-se com a neblina
e a paisagem austera das tardes.
Tão vazio das flamantes mãos
da paixão,
abandonava-se aos olhares indiferentes
como uma jarra tombada de dalias.

Vinha e regressava tão ausente
que não parecia estar no mundo.

Mas o diamante negro da pele,
exalando tangerina molhada
e secretos odores das pedras,

ciciava no desejo
os claros fragores
de uma irreprimível ardência.

TRIBO

Juntavam-se em redor da fogueira, aí pertences.
Eles eram os caçadores das trevas, reunidos
em volta das palavras, as mais antigas,
as que viajaram com a chuva e o vento,
foram lança e semente, cardo e sonho.
Ouvias os mais-velhos, translúcidas e sibilantes
eram as labaredas, uma floração de lumes.
As mais frágeis fagulhas caíam exaustas
junto aos pés descalços, um louvor quente
saído de gravetos das matas, de cipós noturnos
que se enredavam na obscuridade.
Setembro aproximava-se dos cafeeiros.
Sentia-se no ar o cheiro da flor, um trinado mineral
atravessava o pátio, o astuto farejar das hienas.
Estendias as mãos ao lume para aquecê-las
de clamores, essa tribo esquecida entre o folgado
de tresloucados insetos.
Ainda hoje sobrevoam os sinais,
matam a sombra do seu olhar,
cai a noite, ardente e longa,
sobre a naufragada memória.

VIAJAR COM SOMBRAS

A VELHA MÁQUINA DE ESCREVER

Uma velha e pesada Royal espera por mim junto à janela.
Não tenho palavras que lhe dê, nem ela, coitada,
me dá os acentos da minha língua.
Martelei nela, há muitos anos, uma novela. Poucos leram.
E ainda bem — só tinha uma mulher a tocar piano,
inspirada embora pelo mais ardente sol das utopias.
É certo que o mar e agosto cantavam entre os seus dedos.
Mas isso não alimenta a trama de uma história
nem inebria os sentidos do leitor.
A literatura não se faz de exercícios empíricos,
nem bons sentimentos curam a lepra do mundo.
Muito menos a rebeldia de certos intelectuais
que se julgam deuses de iluminações.
Sentados no café,
escrevem sobre o umbigo do ego linhas inflamadas
de repulsa calculada
contra o estado das coisas
e de morte certa no bocejo e na inconsequência.
São epigramas tão transcendentais
quanto insignificantes.
A fome, os políticos, os homens de negócios,
as corporações, as doenças, as religiões, o ódio, o racismo,
a poluição,
enfim todos nós quotidianamente impávidos e
indiferentes
à humanidade mais vulnerável.
Uma máquina de escrever, por muito velha,
é sempre a terra fresca que acolhe as sementes das
palavras.
É certo que algumas, como uma mão de pedra,

também matam, ferem, deixam marcas de fogo nos
labirintos
do espírito.
Mas há outras que correm dos dedos como rios.
Essas, as mais claras e puras, são os colibris.
Buscam de página em página
o néctar da manhã.

MÃE DAS ILHAS

A pereira chegou ao verão com pouco — dois ou três
frutos onde poisa a fatigada luz do verão.

Ela está sentada numa cadeira de plástico, aliviada
com o frescor da brisa e sob um ramo cujas folhas
desenham ao redor dos seus cabelos uma coroa errante
e crepuscular.

Não é uma rainha no exílio e que empobreceu com a idade,
mas uma mãe que povoou uma casa a contento das beatas.

O direto caminho para o céu, proclamavam essas mulheres
sombrias,

era com um séquito de filhos atrás criados a sopa e pão de
milho, descalços,

tímidos, a pele árida dos tempestuosos ventos do norte.

Cresceram como plantas bravas entre as pedras da
indiferença coletiva,

que sempre geriu os seus códigos sociais consoante o
volume

e a abastança da pança mental. Ser pobre e honrado
era uma desdita organizada pelas gravatas soberanas da
nação.

Não sei o que pensa agora esta mulher sob os contornos
verdes

desta árvore estrangeira onde se abriga do sol e do calor.

Tem os dedos enclavinhados sobre o colo e seca-os na
claridade

da tarde. Vieram molhados da água da cozinha
como peixes desorientados.

Afogam-se agora, lentamente e sem ruído,
nas calmas águas do avental.

ALMA

Que língua falas, alma, que braços
estendes para além dos vidros da idade,
do frio que queima a erva
e dá às árvores uma veste de melancolia?
Por que te refugias nas insondáveis labaredas
procurando o mar nas tuas próprias mãos?
Envelhecem amando,
fincando na terra as sementes das viagens
que escolheste
no brilho das mais abandonadas pedras.

AMINA LAWAL

Tens Wasila, a tua filha, junto à melancolia do rosto.
Quando ela se afastar do teu peito para descobrir o mundo,
chegarão os carrascos do regime com as mãos cheias de
pedras.

Juntar-se-á uma multidão de cobardes ao teu redor,
clamando pela justiça do ódio.

Terão olhos para te ver caída entre a poeira das suas
alparcas?

Que delito receber no corpo as sementes de um homem
que te amou?

És uma mulher bela, Amina; esse é o teu pecado e
infortúnio.

Os oráculos da lei, que confundem amor com crime,
festejam

a morte como uma dádiva dos céus.

O calor da tua pele estala a noite que me rodeia.

O teu nome, Amina, voa como um murmúrio sobre os
mapas.

Atravessa oceanos, montanhas e cidades e cai
no espanto de todos nós como uma borboleta que perdeu
as asas

entre as tulipas do outono.

Enquanto Wasila cresce nos teus braços, a tua vida
mingua no rumor do seu corpo — esse é o calendário
que os senhores da morte estipularam.

Os passos que a levarem ao quintal para ver as
mangueiras,

o balbucio das primeiras palavras,
as papas de milho e o sumo de tangerina,

serão o gáudio decrescente da tua vida.
Morreremos todos contigo, Amina, se do amor só restar
as tuas cinzas.

CAMPO DE S. FRANCISCO

As velhas árvores, o banco onde tua avó se sentava,
a tua mãe.

O mar cantava por entre os passos dos fiéis.
Um cheiro de velas míticas descia os degraus
da igreja de S. José como um manto de pétalas imaginadas.
Cresceste a correr por entre os casarios e os labirintos da
vida,
mas nunca saíste daquele momento
em que a luz era um violino de ressonâncias
inextinguíveis,
um ardor, agora um sopro de essências raras.
O teu olhar correu o silêncio todo do horizonte,
perdeu-se nas montanhas crepusculares de outros céus,
tão descalço como um estrangeiro embriagado
nas ruas noturnas do seu anonimato.
Foi ontem, há tantos anos!
Que chuva esta que sentes por dentro, incessante,
neste dia de julho em que atravessas esta memória?
Dois homens jogam aos matraquilhos; um velho
dorme no banco onde tua avó se costumava sentar,
os pombos ao redor,
tu ainda de calções, a primavera,
o mundo inteiro
escondido na inocência.

CANTATA SOBRE UM ROSTO

Caso repares, vê-me desde o princípio da tua vida.
Estive sempre aqui. No verão, corro com a sombra
das aves.

Imagino viagens de barco observando as nuvens,
brancas e escorridas como os cabelos da minha avó.
A distância entre mim e a luz é uma espécie de rio:
flui do coração até ouvir-te cantar. Quero dizer
— o sabor a maçã que sinto na boca quando penso
em palavras inocentes e frágeis.

No inverno sento-me numa ilha. O mar corre
por entre os meus gestos com mil cavalos de espuma.
Assalta-me o desejo enorme de voltar a nascer
quando a claridade do mundo dança sobre as pedras.
Afago-te os cabelos sob a fosforescência do crepúsculo,
corro ao teu lado até ao parque
aonde levamos os cães da tua melancolia.

Sou teu servo e teu senhor.

Se ainda não me vês, encontras-me sob o azul do céu
onde a alegria é uma casa há tantos anos.

A tarde desfaz-se num universo de água.

Existo

no aroma de pequenas coisas.

À esquerda, ou no espelho da tua memória,
passo ainda. Olha.

Trago os teus passos escondidas no meus versos.

CÂNTICO

Morria sempre que ouvia Schubert, sentado
na cadeira branca do verão.
Doía-lhe um nome a sangrar sobre as rosas.
Faltavam-lhe a casa junto à praça, os pombos debruçados
sobre o fontanário.
Fechava os olhos nas mãos, as enormes fendas da ternura.
Era como se tivesse chegado cego ao fim dos dias,
buscando o inominável, a cor infinita do mundo.
Arregaçava as calças aos joelhos e imaginava
as infundáveis, ardentes terras do que sentia.
Chorava sobre o rumor da música sentado
na sua própria ausência.
Pensava viajando para muito longe.
Alcançava os vibrantes pátios do passado,
o imperturbável movimento das fronteiras
onde ressoaram guitarras noturnas, o odor enlouquecido
do jasmim, a curva do dedo onde o vento
apontou outros sinais no horizonte do poema.
As andorinhas regressavam aos telhados, iluminadas
por quatro estações de luz.
Ouvia Schubert, já disse.
O adeus do verão cantava com o sol nas suas costas.
A árdua brisa do destino era uma pulseira de agitações
nos seus pulsos.
Chorava, juro,
encostado a um basáltico muro de sombras.

IDADE

A memória abre-se nas mãos
como um livro antigo.
Já não tens na pele o cetim da juventude.
Mas não és um velho perdido num solitário banco
de jardim observando patos tristes, ou o perfil
dos telhados onde se recolhem as pombas
e as nuvens mais órfãs de junho.
Ao fim da rua encontras uma floresta
de sombras brancas, quero dizer,
a casa.
Ouvias um piano. É tudo quanto resta
desse tempo — a música dos dedos nas teclas,
os jarros altos, as olaias que cobriam as manhãs.
O mundo agora é outro, mais ausente.
Todos os dias há um vazio que cresce, um clarão
de sinais cegando as imagens.
Mas estás aqui, ouvindo o passado,
as vozes mais íntimas que soam a chuva
ao cair da tarde.
Abres a porta e o verão canta
entre as árvores. Um cão ladra.
Um rio de luz atravessa
os teus olhos.
Não sabes o que é isso.
Mas é bom o cheiro
da relva cortada
sobre as lágrimas da terra.

IMAGEM NA ESPUMA

Vejo nos teus olhos as lágrimas
que escondes do mundo.
São pequenos lagos onde nadam, secretas,
as luzes da cidade,
peixes de infinita melancolia,
incandescentes mantos
de uma tribo em viagem pelo verão do sul.

Aproximo os dedos.
Não vês esse gesto irromper
do fundo da terra, dos seus templos mais áridos,
apenas esta pele que canta o teu nome
e as rugas dos frutos maduros.

A mão cresce, é solar. As unhas, estrelas
de sede, pobres remos da minha navegação,
do meu voo raso enquanto observas
o milagre que há nas rosas do céu,
as que se abrem de branco
nas asas do teu olhar.

MANHÃ DE CHUVA

O dia, escuro, tomba
sobre a relva húmida do olhar.
A mão que tensa escreve
torna-se numa pedra.

O que resta à viola das palavras
senão o último dedilhar,
a acácia apertada entre os dedos,
setembro ao fundo, Nero a ladrar no quintal,
tu a fechares a porta do último dia.

Chove hoje na janela onde nasce
o outro lado do mundo.
As sombras dos pinheiros dançam
sob os pássaros, aninhados num crepúsculo de águas.

Estrangeiro em quatro estações
de esquecimento, deixa cair na terra os joelhos
das tuas preces.

E volta, volta sempre à casa onde o Nero,
eterno, ladra à tua espera.
Entre as altas e brancas figueiras da chuva.

A LAVADEIRA

Abres as persianas, olhas a rua. Do outro lado, descalça, está uma mulher, as mãos molhadas sobre o avental. A escura pele do rosto cintila.

É uma agitação de penumbra refrescando com a brisa.

Há uma trepidação algures no seu mundo.

Vê-se-lhe nos olhos. São dois lagos crispados onde refulge a luz forte da manhã; diáfanos, bebem as canções solares dos pássaros.

Que dizer de uma mulher pobre lavando o cansaço dos outros num tanque de cimento?

Sempre a viste ali, mesmo agora, muitos anos depois.

Pensas nas suas mãos com espuma do sabão, o suor de vidro a cair-lhe do rosto, o quintal afogado na crispação das árvores (algumas figueiras e dois mamoeiros solitários), e no tanque onde ela curvava a exasperada vida, dia após dia, enrugando a água suja entre os dedos numa quietação de rio adormecido no seu próprio silêncio.

O MAR QUE ATRAVESSAVAS EM SETEMBRO

O verão cabia nas tuas mãos
quando abrias as águas
dos cabelos.
Vias-te ao espelho do mar em frente.
Ouvias os passos do vento
sobre as espumas
da ansiedade.
Até que secaram
nos vasos mais desolados
e um ressoar musical de pedras solares
te cobriu os pés descalços.
Não sei quantos anos levaste para chegar
aos meus olhos.
Em que nuvens cumpriste
os sonhos da madrugada,
quantos flamingos imaginaste pousados
no musgo das palavras mais cintilantes.
Tudo em ti era um barco de luz na ponta
dos dedos,
uma trança caída sobre a janela aberta.
Eu não existia ainda na tua boca.
E não sabias que este homem nascia aos poucos
nos mais solitários eucaliptos do crepúsculo.

O PRINCÍPIO DO MUNDO

Cantas baixinho junto a uma pedra.
É um nome que salta da voz,
um rumor ferido
por coisas antigas – vidas de ar
formando a pedra que cantas.

OFÍCIO

Apagas uma palavra como o vento árido a pegada.
Sem piedade, limpas do branco o balbucio ténue
como quem arranca do chão a erva daninha.
Fica entre os dedos um cheiro a terra fresca, húmida
e fértil.

Lavrador de música, pegas noutra.

Esperas que nessa passe um barco, os cântaros se enchem
de vinho para a festa, ou uma maçã amadureça
nos tristes galhos do inverno.

Nunca sabes: as palavras são bailarinas imprevisíveis;
ou te levam para um campo de águas bravas,
ou fogem de ti rindo, por seres tão pobre.

POEMA NO GUARDANAPO

Nadas na sombra de uma grande ausência.
Cobrem-te os vidros do espanto,
fragmentos de ardidos instantes,
o peso da água incendiada.
Imaginas então o ressoar
de uns pés infantis
na fotografia mais distante
do teu nome.
Sabes então que só na terra
onde escondes o coração
correrás por entre as palmeiras
e o eco dos primeiros rios.

ANGOLA

Chegas ao outro lado da luz e não reconheces o sul.
Há uma pedra onde te sentas. Sabes que amas
os templos onde agitam as cinzas dos passos.
O teu passado é uma casa em ruínas:
não há janelas nem portas.
Apenas a sombra do teu pranto
no chão que se perdeu de ti.
Nos teus olhos húmidos
navegam as canoas da infância.
Ficarás velho como uma estrada sem fim.
As montanhas serão como mil estações crepusculares.
Mas estarás entre os teus.
A imensa fala dessas águas
na sua inefável corrida pela memória,
cantará contigo para sempre.

PRIMEIRO, ÚLTIMO ENCONTRO

Era tarde na juventude
e acabavas de aparecer.
Eu vinha das solitárias praias dos meus dias
cercado de gaivotas crepusculares.

Não tinha uma história,
nem sequer uma conta no banco
— vivia em absoluta conformidade com os frutos.

Apareceste quando as fundações
da enorme casa colonial começaram a ruir.
As ruas explodiam numa incessante repetição de
metáforas
e labirintos semânticos,
enquanto se levantavam litígios venenosos
no diálogo político onde tombavam
as mais insidiosas moscas da retórica.
Maquinações inflamadas por demagogos lunáticos
transformavam em pilhas de caixões
o quotidiano da cidade
com o deleite dos seus gatilhos e impunidade
revolucionária
sob a venerável bênção internacional,
enquanto os meus dedos corriam
pela única vez
a luminosa cor dos teus cabelos revoltos.
O fulgor dessa chama
agitava-se na penumbra
da incerteza e na fragilidade das nossas vidas.

Na fotografia ficaste eternamente sentada
no muro caiado de branco
junto do coqueiro onde as andorinhas se juntavam.
Neste dia outonal, sob o guarda-chuva de cintilações
obsidiantes,
recolho-me no inalterável mármore
dessa imagem.
Regresso por um caminho a preto e branco
às cores de outro mundo
dessa imagem.

QUADROS MEDITERRÂNICOS

/1

Nas altas varandas sobre o mar, os flamingos
eram os dias.

Mulheres de cinza estendiam as roupas
em frágeis fios de espuma.

/2

Na orla magna dos templos,
onde se ajoelhavam os mitos,
cantaste o jorrar do vinho,
o entornar de taças sobre os linhos da noite;
acesas estavam as lamparinas, os hóspedes
reunidos nos degraus do júbilo.

/3

Levantavas das vozes colunas de buganvílias,
ressoar de asas perdendo-se na distância,
tecedeiras olhando o paciente trabalho do verão
nos vasos das janelas
onde os gatos dormiam até ao fim
de setembro.

/4

Chegaste nos cânticos dos trovadores,
no ranger das portas velhas das casas junto ao mar,
nesse homem que ninguém nota, sentado
em ervas de areia, nas pegadas brancas
do vento
e nos secretos presídios
da memória.

SOLSTÍCIO

A Eugénio Lisboa

Nunca se regressa do tempo, mas do espelho
onde descobres, no silêncio
do teu rosto, o estranho.

Nessa imagem
és o órfão do menino que foste.
Sabes agora
que as garças perderam-se
no fundo dos teus olhos,
a clara e pueril sombra das olaias.

O tempo foi um ciclone
sem medida.

Lembras-te de quando setembro cantava
entre as primeiras chuvas da tua vida.

Um instante:
a eternidade do teu mundo
afinal tão breve como a rosa.
Até o amor se tornou numa guitarra calada.

Mas não percas nisso o canto.

Levanta-te da melancolia,
cama de equívocos
e pesadelos.

Não te rendas ao fatalismo
nos labirintos da solidão.

Segue por outro caminho
em direção ao sul,
à casa e à claridade
onde os teus passos ainda ecoam
em corrida para o rio.

UM PAÍS? QUE IMPORTA?

Podia ter um país, desses que se apontam
no mapa com fulgente dedo de cristal.
Ou um cão, sabemos, companheiro fidelíssimo
nos melancólicos parques do outono, sábados à tarde,
quando a vida é um tédio inevitável
e uma boa caminhada faz amortecer
dentro de nós a falta do mar, a raiva aos cobradores
de impostos, ao cabotinismo dos que nos olham de soslaio
porque usamos ainda palavras como «amor» e
«integridade.»

Os caninos, é certo, têm a pureza
do que é leve e respirável, e uma nobreza
tão humilde que até os deuses,
na sua redoma de glória passageira,
neles veem retratada a sua ulterioridade.
Sobretudo os de hoje, pouco castos,
muito mediáticos nos seus fatos políticos
de homens civilizados até às unhas
dos pés.

Os assassinos da poesia
têm camisas rendadas
e um aperto de mão perfumado.
Por isso os países são irrelevantes.
O meu, disseram-me há muitos anos,
era uma traição à História.
Morria comigo e com os meus amigos.
Hoje não me faz falta.
A minha saudade
está rodeada de mar.
É uma paisagem entre eucaliptos,

uma estrela de orvalho
nos dedos da melancolia.
Que importa?
Tenho boas recordações.
A minha infância foi uma casa
nos braços de minha mãe.

UMA MULHER

Os instantes não chegam
para desvendar as cinzas,
dizia o seu olhar, as oliveiras ao fundo,
o vasto e azul céu de agosto.
Era uma mulher de negro,
descalça sobre as frias pedras
do dia.
Estava parada junto à luz,
como numa fotografia:
o coração voando-lhe sob a blusa,
os olhos em chamas,
a breve melancolia das gentes do litoral
bailando-lhe
nos lábios.
Estava ali como uma árvore à espera
dos séculos,
respirando a claridade dos jacarandás,
a serenidade
de raízes de pedra.
Talvez fosse de nenhum lugar,
ou de todo o mundo:
os seus pés, afastados,
separavam dois oceanos
de sombra.
O verão ardia sobre os velhos telhados
da tarde
e uma guitarra chorava de mansinho
nos cabelos revoltos dessa mulher.

VERÃO

A casa, os passos do silêncio na carpete.
Entras assim por julho dentro, descalça,
leve como uma pluma,
os panos da claridade rente aos joelhos,
um fascínio demorado de instâncias
na cintura,
mistério rodando numa dança de serpentes,
esse lugar de naufrágios.
Cantas sobre os muros da ausência
caídos de luz, ouve-se o mar,
a tarde esquecida entre os pinheiros,
a juventude da água na fala,
um azul fascinado correndo entre os rumores.
Um verão de garças recolhe-se nos pulsos,
uma cintilação de cristal respira na ponta dos dedos,
uma chama:
a mão do desejo buscando-te nas sílabas
— lugar do fogo
e dos regressos.

UM DIA QUALQUER EM JUNHO

A MÃE

Nunca nos deixa crescer.
Temos sempre a idade das sandálias cambadas,
dos calções sujos de amoras bravas.

Está de pé, entre os nossos olhos,
como um jardim.

Mesmo quando os cabelos
começam a ficar
no pente, esbranquiçados,
é sempre a mesma:
flor que não cai
no outono do tempo.

Como se a cada segundo renascesse
do seu próprio perfume.

A SENHORA DO INVERNO

Vive com uma cicatriz de sombra nos gestos,
três gatos obesos, cortinas fechadas sonogando
o obsidiante negrume invernal.

Veio de comprar bilhetes da lotaria, passo breve,
roçagante como labareda mortificada.

Afunda-se no silêncio da casa com a displicência
duma deusa agónica.

Sairá mais tarde, lenço na cabeça, óculos escuros,
inebriada por um odor de sementes.

A luz de abril será então um oceano macio,
possivelmente algumas violetas levantarão as hastes
se milagre acontecer no jardim do vizinho.

Mas ela passará sem olhar o mundo.

Entrará na loja do chinês para sair
numa mobilidade carregada de sonhos.

Prisioneira
de cintilantes fugidios paraísos,
voltará ao reino da sua vida
suspensa de inaudíveis
deslumbramentos.

A SOMBRA DAS PALAVRAS

a Emanuel Félix

Danças no poema nuas, as palavras.
Irreverentes, caladas,
estendem-se no sono branco.
Inumeráveis,
só respiram claridade.
Que desarrumo nos deixam nas mãos?
Opacas e táteis escondem-se no afago,
ardem
quando amamos uma mulher,
levantamos na melancolia um grito da terra,
o copo de vinho,
o pão.
Transparentes,
dissipam-se nos dias como cristais
esquecidos.
São crianças, pedras, areia
dos ventos.
São a chuva nos olhos
do poeta.
A primeira sombra
da haste fascinada.

CANTATA

Se fosses um país
levava no teu nome os pinheiros
do mar,
uma bandeira de rosas
no vento que atravessa
a alegria
e faz dela uma ilha.

INÍCIOS

Num círculo de jacintos, olhando as crianças de junho,
disse:

«Um amor infeliz é como a morte dum pássaro.»

LEGADO

Deitado na cama do adeus,
ouvindo já o rumor
das mais longínquas estrelas,
murmura ao filho:
«Espalha as minhas cinzas
no mar da primavera.
Sente na saudade
o voo das andorinhas
de Verride,
o lume brando da brisa
aquecendo as oliveiras,
a voz que ouviste
nos meus braços
desde o primeiro dia.
Espero por ti pacientemente
no fim do tempo,
cantando.»

MONÓLOGO DO ROMÂNTICO TRISTE

1/

Sinto na tua voz o movimento duma sombra.
Vem com a cidade que trazes para casa.

2/

A vida e os escombros da distância
constroem uma muralha.

3/

Uma folha morta esvoaça nas palavras.

4/

O pó da solidão cobre a alegria
até morrer como uma andorinha
nas minhas mãos.

5/

«A felicidade é uma vaga sensação de pertença»,
disseste um dia passando a mão pelo cabelo.

6/

Foste sempre assim: primaveril.
Mesmo dizendo coisas cruéis.

PAI NOS ÚLTIMOS TEMPLOS

Vieste como uma sarça abandonada
apoiado na bengala da velhice.
Atravessaste os pinheiros, casas velhas, a respiração
fluida e alta das andorinhas.
Olhas as ruínas, o arvoredor. Repousas nas recordações.
Os passos da tua infância são agora ervas tristes,
o ruído magno da terra, impenetrável substância.
Não está ninguém aqui. És o último.
Perturbam-te os fascínios, breves e coloridos de maio.
Ouves, por instinto, o árduo crepitar de outros dias.
Tens já a idade de um rio, canção de passagem
e das pedras, a fulminante harpa das estações.
Acariciando na memória a imutável efemeridade,
regressas a uma insondável peregrinação interior.
O poente desce sobre os rumores,
a pele crispa-se.
Dizes: «Aí apanhei amoras, sabes?»
No teu olhar há um vaso branco, rosas.
O verão solta dele as águas dos primeiros anos
entre as oliveiras.
Mais fundo, no intenso lago da íris,
estás sentado num jardim
à espera da tua mãe.

S. JORGE

Na tarde alta a harmonia lavra
as terras de turquesa,
as urzes dobradas,
o colapso dum punho
na névoa.

Lá em baixo,
nos teares da paixão,
entre o casario alvinitente,
um velho escreve
olhando a sua alma
nas coisas.

O rumor da vida cresce
nos pátios de rocha.
Desfolha-se entre os vimieiros,
afunda-se na alegria felina
duma guitarra abrindo no ar
duas rosas
quase brancas.

UM MOMENTO TÃO PERTO

Traz um poema no coração: o labor agreste
de silvos amadurece nele as acres maçãs da água.
Esconde nas unhas um brilho solar.
O pó estival cruza-lhe os olhos brancos, molhados
por uma lágrima esquecida.
Os cabelos, ardidos pelo incêndio
dos pássaros, escondem o rumor dos pinheiros bravos.
Sobe ausente os degraus do verão, os ombros
tocados pelo azul imenso do céu mediterrânico.
Nos seus gestos dançam margaridas, as mais antigas
palavras, a leveza distraída
de quem olha as pedras para reconhecer o rosto.
Tenho tanta sede, diz,
sentindo a doce melancolia de quem se deita
para amar a eternidade.
Agressor de ímpetos, deixa nela a perdida raiz
da terra, toda a solidão,
inacabada permanência.
«A saudade é um amor impossível»,
abstrata diz-lhe.

UTOPIA

Na água lisa da pele
a sombra de mais um dia.
Olhas os barcos, a praia deserta,
os jarros na janela.

Há um deus sentado
no muro branco da memória.

Pedes-lhe a cor breve
dos álamos
ou uma ária de silêncio.
Errante,
o coração cresce no amor
por uma mulher
ou pelo mar no regresso
de junho.

No fundo,
sabes que um homem só é feliz
no odor do poema rente ao abismo.

YELAPA, MÉXICO

1/

Busco na voz dos que chegam a origem da claridade.
Sinto-me mais estrangeiro nesta alvoroçada turba de
turistas.

Molham os pés na água, os olhos secos de emoções.

Vieram pelo sol, coqueiros,
minúsculas borboletas,
uma fotografia azul com o mar ao fundo.

Trazem com eles o esquecimento.

Os cães da praia cheiram-lhes a roupa,
a sombra das mãos assustadas.

Afastam-se deles vazios, confusos com o cheiro
que trazem do mundo.

Ouvem-se guitarras mexicanas.

Um índio baixo, obeso e muito escuro
vende nos quadros a cor da nostalgia.

2/

Peço uma tequila sob uma palapa.

Perto, uma velha índia come uma laranja.

Suga-a.

Os ossos das mãos, proeminentes, lembram a terra seca
e árdua do sul.

Quando me for embora levo-a nos olhos,
os cabelos grisalhos esvoaçantes,
a música dos seus dentes na fruta
e a serena ausência do seu olhar.

**ÁGUAS DE SOLEDADE
FUNCHAL, MADEIRA**

VARANDA NOTURNA

Beijas o reflexo da lua nas mãos.
O mar é negro entre os dedos; nos gestos
de um homem morre uma palmeira.

Os sapatos, sob a cama, guardam os últimos passos.
Escondido nas solas arde ainda o sol da tarde.

É perverso o silêncio de um hotel.
Os quadros, a torneira que pinga depois do corpo,
a linha do rosto sob o vapor do espelho,
o telefone sem voz,
a mala com o cheiro de outra cidade.

Na varanda imensa voa a noite, as asas do coração,
o luar metálico dum nome.

Em que lado da voz começam os labirintos?,
os insondáveis desertos?

UMA ILHA DENTRO DAS MÃOS

Ouves bater à porta e deixas a noite
colada aos vidros da varanda.
O luar dança
no copo de uísque.

Pensavas o dia, a música no pátio,
quem dançava de negro a salsa de Havana,
o olhar que bebeu toda a poesia
da tua boca.

Mas uma ilha é assim.
Queres dizer, viagem de imagens, mãos,
impenetráveis símbolos.
Âncoras de bruma.

Devagar te perdes ao encontro
da tua sombra.

ESSENCE

Uma palmeira amanhece o olhar.
O sol, cristalino, é um arbusto
que arde nos vidros da janela onde cresce
a chama estival.
Junto a um muro de ecos está o triciclo abandonado,
a claridade oceânica de maio.
Espera o teu corpo, encostado à manhã
iridescente.
Mas além de ti não há um caminho de regresso
à infância: és a última sombra.
As tuas roupas, sombras crepusculares,
e as tuas mãos que fecham a cortina
de mais um dia no fim,
são o que és neste momento:
músico de perdidas estações.

RUA

A ilha é a mulher que atravessa a rua de maio,
absorta, leve, navegando no ar matinal.

Os saltos altos ferem as lágrimas dos jacarandás.
Os pombos das palavras, de súbito brancos,
atravessam o ruflar da saia.

Volta-se, os cabelos negros ondulam.
Um perfume de urgências
incendeia-lhe o olhar.

É uma mulher, como todas as mulheres
que nos olham do poema:
cintilante mistério sem rosto.
Esvoaçando como a música, perde-se
sobre os muros das sílabas.

RUA DA MEMÓRIA

Atravessava, débil, a rua.
Os braços, ao alto, seguravam a quinda.
O coração voava-lhe das mãos,
escondia-se nas laranjas,
tão antigo era o andar, o medo
dos carros.

O corpo, fio de luz
dobrado, era um relâmpago
nos teus olhos.
Seguias a fragilidade
da sua vida pela rua da infância
abaixo.

Os panos de chita, caídos nos pés,
varriam as pegadas.
Que ironia: os pobres nunca existiram
nos calendários do mundo.

Lembras-te da velha quitandeira
amando nela
os seres sem nome da tua aflição.

NA DOBRA DO LENÇOL

Um frescor vem das pedras mais antigas,
as de maio.

As crianças crescem
com a primavera,
matam a sede com a água das sombras
mais brancas.

Ouves agora a música que resta.
Já altos, contra o azul,
perdem-se os patos selvagens
que imaginas, as borboletas,
o frescor de algumas palavras.

Alguns nomes morrem entre as silvas.
Outros florescem nas tuas mãos.

ÁGUAS DE SOLEDADE

As mulheres, envelhecidas
pela neblina dos montes
levam pela mão crianças de água
— pele de terra, rocha e catos.

Acenam de longe com lenços de vento
entre os rios do outono.
Vêm de casas brancas onde amanhecem
a dolência e o salitre da melancolia.

Contra a soledade apertam
as flores mais selvagens das chuvas.

INSTANTÂNEO

A Luísa Villalta

Estava ausente como o grito que incendiou
as sombras das arcadas.
Escrevia sobre o branco de um caderno de notas,
sentada na esplanada.
As palavras caíam-lhe dos dedos
como pétalas queimadas.
Próximas estavam as ruínas do sol.
A luz entrava no mar
pela última vez:
a água lambia-lhe os joelhos
com os seus feridos cachorros
de espuma.

O café esfriava
na tarde em que ausente ouvia sem ouvir
os pombos no fontanário.
A cor dos cravos murchos
abria-se-lhe nos olhos.

Numa lágrima
ouvia o repentino fechar de uma porta.

OFÍCIO URBANO

A esferográfica corre o papel, deixa a semente,
a íris da palavra. Constróis o mundo
na mesa de metal da esplanada,
lascada e turística.

A tarde é um fogo azul que arde,
incendeia o mistério
e a navegação da alma.

Escreves enquanto os jacarandás, distantes,
são uma silhueta de vozes estrangeiras.

Um sismo aproxima-se dos teus dedos.

O poema não cabe nas palavras
nem nas tuas mãos:

junta-se aos pombos na esquina da tarde,
no ócio e no murmúrio
de olhares distraídos.

O coração de um poeta só é visível
entre a água dos labirintos.

DISCURSO SOBRE UM GUARDANAPO

Talvez o amor não seja um corpo
à tua espera nos lençóis de um instante,
o cheiro duma floresta na boca que te beija,
a curva do ombro nu, a forma do seio,
a ondulação da anca sob o vestido apertado,

a cor dos cabelos onde os dedos
encontram o mar.

Talvez o amor não seja a cama que recebe
o teu cansaço, as marcas da noite na tua pele,
o sabor dum fruto ou uísque
nas praças das cidades mais estranhas.

O amor não precisa de equívocos.

Já basta de árvores perdidas
nos bosques de cimento
onde caem os anéis da paixão.

O amor é a chama que move os braços
das estátuas, um sinal inesperado
criando o fascínio
quando o mundo é apenas um túnel
ao fim do dia
e alguém reconhece entre as cinzas
a respiração do teu nome.

ADEUS

Chegar ao fim de maio com sal na camisa,
espelhos de água
quebrados junto aos pés;
tudo o que foi o mar, noites nos pátios,
velas, gerânios, cânticos
e barcos crepusculares navegando nos cabelos
de quem te ouvia como se fosses um príncipe.
Tudo fecha-se agora com pesadas chaves,
nos últimos botões da camisa.
Sobre as velhas telhas destas casas
onde os pombos nascem estrangeiros,
ouves a brisa, um frémito de pedra violada
pela irradiação solar.
O silêncio nasce
no momento em que fechas a janela
e o teu olhar se enrola
no último rumor das cortinas.

COLEÇÃO COMUNIDADES PORTUGUESAS

A Coleção Comunidades Portuguesas pretende trazer a público testemunhos, documentos, ensaios e obras de criação literária respeitantes aos portugueses que vivem, trabalham e criam fora de Portugal. Com esta coleção, iniciativa conjunta do Ministério dos Negócios Estrangeiros e da Imprensa Nacional-Casa da Moeda, quer dar-se visibilidade e voz às nossas comunidades residentes no estrangeiro.

Eduardo Bettencourt Pinto nasceu em Gabela, Sul de Angola. Radicou-se no Zimbabwe (Harare e Bulawayo) em 1975. Ponta Delgada, cidade dos seus ancestrais maternos, acolheu-o na Primavera de 1976. Errante por natureza (começou a viajar sozinho aos 12 anos de idade, em Angola) viria a radicar-se, em 1983, na costa oeste do Canadá onde ainda vive.

Publicou vários livros de poesia (traduzida em várias línguas) e ficção. Foi editor da revista *online* de artes&letras *Seixo review*. Tem colaboração dispersa por jornais e revistas. Está representado em antologias em Angola, Portugal, Espanha, Itália, Letónia, Brasil, Cuba, Canadá, Israel e Estados Unidos.